

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTEGRADA EM SAÚDE COLETIVA –  
PPGISC  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**

**A VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A SUA RELAÇÃO COM FATORES DE SAÚDE  
GERAL E CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORES**

**LUANA VALERIANO NERI**

**RECIFE  
2014**

**LUANA VALERIANO NERI**

**A VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A SUA RELAÇÃO COM FATORES DE SAÚDE  
GERAL E CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORES**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Albanita Gomes da Costa de Ceballos**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação  
Integrada em Saúde Coletiva como  
requisito para obtenção do título de  
Mestre em Saúde Coletiva.

**RECIFE  
2014**

Ficha catalográfica elaborada pela  
Bibliotecária: Mônica Uchôa, CRB4-1010

N445v Neri, Luana Valeriano.  
A violência na escola e a sua relação com fatores de saúde geral e condições de trabalho de professores / Luana Valeriano Neri. – Recife: O autor, 2014.  
93 f.: il.; tab.; 30 cm.

Orientadora: Albanita Gomes da Costa de Ceballos.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCS, Programa de Pós-Graduação Integrado em Saúde Coletiva, 2014.  
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Violência. 2. Saúde do Trabalhador. 3. Docentes. I. Ceballos, Albanita Gomes da Costa de (Orientadora). II. Título.

614

CDD (23.ed.)

UFPE (CCS2016-005)



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTEGRADA  
EM SAÚDE COLETIVA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**



Avenida Prof. Moraes Rego, 123  
Cidade Universitária, Recife-PE, 50670-901  
(81) 2126-7450

---

**LUANA VALERIANO NERI**

**“A VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A SUA RELAÇÃO COM FATORES DE SAÚDE  
GERAL E CONDIÇÕES DE TRABALHO DE PROFESSORES”**

A Banca Examinadora, reunida aos 17 dias do mês de março de 2014, considera a candidata aprovada.

---

Profª Drª Albanita Gomes da Costa de Ceballos  
PPGISC – UFPE  
Orientadora

---

Profª Drª Adriana Paula de Andrade Costa e Silva  
Departamento de Medicina Social – UFPE  
Examinadora Externa

---

Profª Drª Maria Beatriz Guimarães  
PPGISC – UFPE  
Examinadora Interna

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Todos educam-se entre si, mediatizados pelo mundo"

(Paulo Freire)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Jandira e Luciano, por terem se esforçado sempre para me transmitir o amor, os valores morais e éticos que me guiam e o bem mais precioso, a educação. Obrigada por sempre terem me incentivado e acreditado em mim.

Ao meu marido, Rodrigo, por compreender as ausências, o mau humor e por estar sempre presente nos momentos difíceis.

Aos colegas de mestrado pela oportunidade de uma convivência tão generosa e rica.

À Alyne por me permitir dividir os momentos de dúvidas e ser generosa sempre na troca de informações.

Aos professores do PPGISC, por terem compartilhado um pouco do seu conhecimento e me fazer perceber, cada vez mais, o quão pouco eu sei.

Aos professores que aceitaram participar dessa pesquisa, por sua rica contribuição, por me permitir conhecer um pouco mais de um universo tão essencial à formação de novos cidadãos.

Por fim, gostaria de agradecer a Albanita Gomes da Costa de Ceballos por toda a compreensão, paciência e incentivo, mesmo durante minhas ausências. Obrigada!

## RESUMO

A violência escolar é um fenômeno complexo que traz muitas repercussões para todos os indivíduos envolvidos. Seu efeito sobre os estudantes vem sendo bem investigado, no entanto são poucas as entidades que voltam seus esforços para compreender as consequências dos eventos violentos para os profissionais docentes. A presente pesquisa tem como objetivos retratar o cenário da violência na escola e conhecer a associação entre a violência e as condições de trabalho e de saúde geral de professores em um município da Região Metropolitana do Recife (RMR) em Pernambuco – Brasil. Esse é um estudo de caráter descritivo transversal realizado no período de agosto a outubro de 2011 com professores do quadro de docentes do ensino fundamental de um município da RMR. Durante as atividades de educação continuada, os docentes responderam a um questionário que abordava aspectos sociodemográficos, condições de trabalho, saúde geral e relatos de situações de violência vivenciadas na escola e em seus arredores. Fizeram parte da amostra 525 docentes, dos quais 73,9% afirmaram ter vivenciado alguma situação de violência na escola e 87,6% relatam ter presenciado algum episódio violento nos arredores da escola. Dentro da escola e em seus arredores, a forma de violência mais comum foi a agressão verbal (42,9% e 75,1%, respectivamente). A iluminação, a acústica, o mobiliário e a ventilação inadequados demonstraram possuir relação com a violência dentro da escola bem como os problemas circulatórios, digestórios e as alterações vocais. Os resultados obtidos apontam que a elevação dos índices de violência e as precárias condições de trabalho tornam os professores mais vulneráveis a problemas de saúde.

**Palavras-chave:** Violência. Saúde do Trabalhador. Docentes.

## **ABSTRACT**

The school violence is a complex phenomenon that brings many repercussions for all individuals involved. Its effect on students has been well investigated, however there are few entities that turn their efforts to understand the consequences of violent events for professional teachers. This research aims to show the scene of violence in the school and meet the association between violence and working conditions and overall health teacher in a city of Recife Metropolitan Region (RMR) in Pernambuco - Brazil. This is a descriptive cross-sectional study conducted in the period August-October 2011 with teachers framework for teaching elementary school in a city in RMR. During activities of continuing education, the teachers completed a questionnaire that addressed sociodemographic characteristics, working conditions, general health and reports of situations experienced violence at school and in their neighborhood. The sample consisted of 525 teachers, of whom 73.9% reported having experienced a situation of violence in school and 87.6% reported having witnessed a violent incident outside the school. Within the school and its surroundings, the most common form of violence was verbal aggression (42.9% and 75.1%, respectively). The lighting, acoustics, furniture and inadequate ventilation have demonstrated relation to violence within the school as well as circulatory problems, digestive and vocal. The results suggest that elevated levels of violence and precarious work conditions make teachers more vulnerable to health problems.

**Keywords:** Violence. Occupational Health. Teachers.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>10</b>
2.1 VIOLÊNCIA	10
2.2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA	16
2.3 VIOLÊNCIA CONTRA O PROFESSOR	20
<b>3 JUSTIFICATIVA</b>	<b>26</b>
<b>4 OBJETIVOS</b>	<b>27</b>
4.1 OBJETIVO GERAL	27
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
<b>5 MATERIAIS E MÉTODOS</b>	<b>28</b>
5.1 LOCAL DO ESTUDO	29
5.2 POPULAÇÃO DO ESTUDO E DEFINIÇÃO DA AMOSTRA	31
5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	32
5.3.1 Identificação Geral do(a) Entrevistado(a)	34
5.3.2 Questões Sobre as Condições do Ambiente de Trabalho	34
5.3.3 Problemas de Saúde	34
5.3.4 Questões Sobre Prevenção e Hábitos de Vida	35
5.3.5 Caracterização de Situações de Violência na Instituição	35
5.4 COLETA DE DADOS	35
5.5 CONSTRUÇÃO DO BANCO DE DADOS	37
5.6 DIGITAÇÃO DOS DADOS	37
5.7 QUADRO DE VARIÁVEIS	37
5.8 ANÁLISE DOS DADOS	43
5.9 ASPECTOS ÉTICOS	44
<b>6 RESULTADOS</b>	<b>45</b>
<b>7 DISCUSSÃO</b>	<b>61</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE A</b> – Questionário Sociodemográfico	<b>87</b>
<b>APÊNDICE B</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	<b>91</b>
<b>APÊNDICE C</b> – Termo de Responsabilidade do Pesquisador	<b>93</b>
<b>ANEXO A</b> – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	<b>94</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

O ambiente escolar sempre foi considerado um espaço propício à formação de cidadãos mais conscientes, um local protegido dos acontecimentos externos, inviolável em sua segurança, mais pelo significativo papel que exerce do que por sua estrutura física e sistemas de segurança.

O professor, dentro desse sistema, representava um papel de destaque, considerado um mestre, um guia para os que ali se encontravam. Visto como uma figura de respeito, o docente permanecia dentro da instituição, juntamente com os diretores e funcionários, intocável, blindado das adversidades que ocorriam nesse recinto.

No entanto, o que vem chamando a atenção é a forma como o profissional da educação e os demais funcionários estão sendo atingidos pela mudança no cenário da violência atual. A escola, antes, respeitada pelos perpetradores desse fenômeno, tem, no seu interior, os principais responsáveis pela sua prática.

Isso significa que, atualmente, a violência não se mantém externa à escola, tão pouco obedece à hierarquia nesse ambiente, tendo inclusive, se tornando frequente o uso de violência contra o profissional docente.

Da mesma forma que se percebeu uma invasão desse fenômeno social no ambiente escolar, torna-se inevitável observar a mudança que sofreu a figura do professor. A carreira acadêmica vem sendo cada vez menos procurada pelos jovens em formação uma vez que muitos dos que já a exercem reclamam constantemente das precárias condições de trabalho,

sejam no âmbito físico, nas longas jornadas de trabalho, na baixa remuneração, na pouca ou nenhuma valorização recebida bem como o pouco estímulo à capacitação profissional.

Diante desse panorama, estudos vêm sendo realizados com a finalidade de identificar fatores associados a esses acontecimentos, os principais agentes envolvidos bem como as vítimas. Apesar disso é difícil identificar de forma clara e definitiva esses pontos uma vez que ao tratar de violência não é possível dar a cada indivíduo apenas um papel, ou seja, o mesmo indivíduo que hoje é vítima de um ato violento pode ter sido o perpetrador para outrem.

Da mesma forma, é difícil definir o que é violência em um único contexto, levando em conta que esse fenômeno é multicausal, dependendo sempre do contexto social, econômico, das características pessoais de cada indivíduo, e, inclusive da época vivida. Ou seja, a violência que vem tornando-se uma crescente no cenário mundial atual tem sido refletida também na escola.

Importante esclarecer que as questões sociais, especialmente as exclusões sociais reverberam na violência escolar, não sendo este ambiente o responsável exclusivo pela gênese da violência. Torna-se, no entanto, essencial entender também que esse fato não deve eximir a escola de tomar medidas que previnam e combatam esses fenômenos.

Políticas públicas vêm sendo desenvolvidas de modo a minimizar a violência escolar uma vez que suas consequências repercutem direta e indiretamente no sistema de saúde fazendo com que haja um importante impacto no sistema de saúde público.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 VIOLÊNCIA**

A violência vem sendo considerada, em todas as suas formas, como uma endemia. Essa visão é presente, especialmente, quando se fala nos grandes centros urbanos (LEÃO, 2009). Esse fenômeno, entretanto, não é recente, sendo citado em todas as sociedades conhecidas tanto em seus períodos pacíficos quanto em seus momentos de guerra e, tampouco, está restrita às capitais ocorrendo também no interior do país (MINAYO, 1994).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define violência como: “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência do desenvolvimento ou privação” (KRUG et al, 2002).

É um fenômeno social e histórico, não sendo, por si só, um problema de saúde pública. No entanto, vem assim sendo considerada na medida em que afeta a saúde do indivíduo e da coletividade tendo em vista que, para sua prevenção e controle, necessita da formulação de políticas públicas e abordagens específicas para o problema (MINAYO, 2007).

Tão antiga quanto a sua existência é a preocupação humana em entender a essência do fenômeno, sua origem, natureza, modos de atenuá-la ou mesmo eliminá-la. Sabe-se que a violência não faz parte da natureza humana, não tendo, portanto, raízes biológicas. Ela está mais fortemente relacionada ao cenário, época e cultura em que se desenvolve, devendo sempre ser contextualizada (MINAYO, 1994). Devido a isso possui um caráter dinâmico característico dos próprios fenômenos sociais. (ABRAMOVAY, 2005)

De acordo com a Teoria dos Sistemas Bioecológicos do Desenvolvimento Humano proposto por Urie Bronfenbrenner (2011), a violência resulta de uma complexa interação entre os fatores individuais, relacionais, contextuais e sociais. Os fatores individuais abrangem os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais intrínsecos ao indivíduo que podem torná-lo propenso a ser vítima ou perpetrador da violência. Os relacionais tratam das relações vivenciadas com a família, amigos, companheiros e parceiros íntimos que também podem alterar a possibilidade de risco de vitimização ou perpetração da violência (MARTINS, 2004; BRONFENBRENNER, 2011).

Os contextuais discorrem a respeito do ambiente onde se dão as relações, como as escolas, vizinhança, ambiente laboral e buscam identificar quais características podem estar associadas ao maior risco de sofrer ou praticar a violência. Os fatores sociais tratam de aspectos mais amplos que podem influenciar a situação de violência, como o panorama econômico local, acesso aos serviços básicos de saúde,

educação e moradia entre outros. (ASSIS, 2010; PIGATTO, 2010; BRONFENBRENNER, 2011)

No seu modelo de desenvolvimento, Bronfenbrenner (2011) afirma que as diferentes formas de interação que ocorrem entre o indivíduo e o ambiente, para serem efetivas e influenciar no desenvolvimento humano devem ocorrer de forma ampla e por períodos estendidos de tempo. Enfatiza ainda que deve existir uma relação de bidirecionalidade, uma reciprocidade entre os agentes que interagem. Isso significa que assim com o ambiente possui influência sobre o indivíduo, o mesmo também age no ambiente em que está inserido. (MARTINS, 2004; BRONFENBRENNER, 2011)

O autor deixa claro, no entanto, que o poder, o conteúdo e a direção dos processos proximais para fomentar o desenvolvimento humano podem se diferenciar amplamente uma vez que sujeita-se à característica da pessoa, ao contexto no qual a mesma está inserida, às relações sociais e às mudanças que sucederam-se ao longo do vida e, inclusive, ao período histórico vivenciado pelo indivíduo.

A violência é um fato de grande magnitude e de difícil conceitualização uma vez que sua interpretação depende fortemente de um julgamento social, cultural e legal, sendo considerada um fenômeno socialmente construído, quase inviabilizando uma elaboração conceitual consensual (MINAYO, 1999; RISTUM, 2004).

Pode ser definida como um ato de brutalidade física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. Pode se manifestar também através de símbolos, desenhos, preconceitos, sendo conhecida como violência simbólica (SALLES et al, 2008).

Hegel (1980) apud Minayo (1994) diz que a violência pode ser vista como uma forma de expressão de consciência uma vez que é um caminho possível em contraposição à tolerância, ao diálogo, ao reconhecimento e à civilização. Desta forma, ela faz parte da própria condição humana e possui características peculiares a cada sociedade.

Para Hannah Arendt (2011) a violência surge como a desintegração do poder. Deve-se esclarecer que, para a autora, o poder está presente em toda e qualquer comunidade política – ele se materializa através da atuação em conjunto, que, por sua vez, requer o consenso de muitos no curso de uma determinada ação. Por isso a mesma entende que violência e poder seguem trajetórias opostas. A afirmação de um significa a desintegração do outro.

Baseada nisso, Arendt (2011) afirma que a partir do momento em que os comandos não são mais generalizadamente acatados, por falta de consenso ou opinião favorável, implícita ou explicitamente, são fomentadas situações que podem vir a cursar em violência.

Para definir o panorama da violência e suas formas de existência, é relevante distinguir os termos agressão, agressividade e violência. A agressão é uma predisposição bioquímica reacional: o sentir-se frustrado leva à angústia e à agressividade, que, por sua vez, impele a atos de brutalidade que podem ser expressas física e verbalmente (CHARLOT, 2002; ANSER, 2003). Lan (2010) afirma que a agressividade pode ser explicada por três concisos aspectos: o desejo de provocar danos a outrem; o desejo, por parte da vítima, de se defender de atos agressivos e uma forma de reagir a provocações e incitações.

A violência remete a uma característica da agressão, enfatiza o uso da força, do poder e da dominação. Sendo assim, toda agressão é violência, uma vez, que faz uso

de força. Parece pertinente, no entanto, distinguir entre a agressão que usa a força como uma ameaça daquela agressão violenta onde a força utilizada vai além da exigida e o indivíduo sente prazer em infligir dor, humilhar (CHARLOT, 2002).

A partir de sua origem, a violência pode ser dita como estrutural, que consiste na violência originada pelo não acesso aos direitos conquistados pela sociedade por uma parcela da população que detém o poder estruturando uma relação de opressão de grupos, classes, indivíduos e nações. Nesse tipo de violência, o privar o outro, assim como ser privado são considerados como naturais pela sociedade como um todo (MINAYO 1994).

A violência também pode ser classificada como de resistência ou reativa. Essa forma de violência consiste na resposta dos grupos desprivilegiados pela violência estrutural. A violência reativa costuma ser criticada e reprimida por aqueles que detêm o poder político, econômico e social. Diante dessa forma de violência vivencia-se a contradição entre usar a violência que despreza a justiça e a violência que tenta reestabelecer e defender a justiça (MINAYO 1994).

Um terceiro tipo de classificação faz referência à violência da delinquência, que se expressa nas ações ilícitas socialmente reconhecidas. Essa forma específica de expressão deve ser vinculada à violência estrutural uma vez que esta acaba por aliciar e impelir o indivíduo ao delito. Minayo (1994) afirma que a desigualdade social, alienação no trabalho e nas relações sociais, bem como o menosprezo às normas e valores em função do lucro ou benefício individual imediato, o consumismo bem como o culto ao machismo somam-se para expandir a delinquência.

Ristum, em 2004, ampliou a classificação elaborada por Minayo, incluindo mais uma categoria que a mesma chamou de violência de resistência deslocada, onde as reações de situação de dominação são dirigidas a outros alvos que não aqueles produtores da subordinação.

Por sua ampla e irrestrita ação, a violência acaba por tornar-se um aspecto de importância em todas as esferas de governo, inclusive no setor saúde. Isto se mostra factível uma vez que os indivíduos que foram vitimados pela violência, qualquer que seja ela, acabam por inflar o sistema de saúde em busca de serviços de emergência, atenção especializada, clínicas de reabilitação, assistência social e psicológica em virtude dos traumas físicos, psicológicos, morais e relacionais gerados (OPAS, 1993).

Apesar da ciência do impacto negativo da violência, não tem sido possível distinguir alguns aspectos importantes como, por exemplo, o caráter de acidentalidade ou direcionalidade dos atos, a legalidade ou arbitrariedade das ações. Além disso, o item causas externas na Classificação Internacional de Doenças (CID) engloba eventos

em excesso, qualificando-os todos como causas externas (MINAYO, 1994). Esses entraves acabam por prejudicar estudos que se propõem a revelar o cenário da mortalidade e morbidade por violência prejudicando, conseqüentemente, a elaboração e especificidade das ações preventivas e de cobertura.

## **2.2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

A violência está presente em vários cenários, inclusive na escola. Esse local considerado como agência socializadora e mediadora dos conhecimentos socialmente adquiridos pela sociedade, vem se deparando com o fenômeno da violência estudantil, através de cenas de agressividade entre alunos, tráfico de drogas, furtos, indisciplina, depredações e desrespeito com os profissionais que nela atuam, bem como ofensas verbais, aparentemente menos graves, que revelam atitudes discriminatórias, segregativas e humilhantes, por vezes difíceis de perceber ou mensurar (PIGATTO, 2010).

O aumento de situações de violência no âmbito do trabalho vem se constituindo um importante problema de Saúde Pública, que tem impacto na dignidade e na qualidade de vida desses trabalhadores, bem como na qualidade do ofício desempenhado (OLIVEIRA, 2008).

O fenômeno da violência nas escolas é pensado pelos professores e opinião pública como um fenômeno novo, o que não é verídico. Essas manifestações no ambiente escolar datam do século XIX onde manifestações explosivas por vezes findavam em prisão dos participantes. No entanto, o que tem se revelado inédito são as formas com que a violência se manifesta atualmente (CHARLOT, 2002; PINO, 2007).

Isso é representado, primeiramente, pelos atos praticados que tem se tornando muito mais graves, como homicídios, agressões sexuais, uso de armas brancas ou de fogo. Apesar de não serem tão frequentes, essas ocorrências passam aos cidadãos a sensação de insegurança dentro do ambiente educacional. Outra peculiaridade se refere à maneira com que o docente é tratado pelo alunado. Se outrora o professor era tido como um mestre, uma figura admirável e respeitável, o *status* desse profissional sofreu considerável depreciação fazendo com que o mesmo se torne vítima de insultos e agressões por parte dos discentes (CHARLOT, 2002).

Outro aspecto que chama atenção é o fato de os jovens envolvidos nos atos de violência, como vítimas ou algozes, serem cada vez mais jovens, tendo, por vezes, cerca de 8 a 13 anos. Acrescenta-se a isso a percepção de que a escola, antes um local de abrigo e proteção, tornou-se vulnerável às chamadas “intrusões externas”. Esse fenômeno retrata a invasão de bandos de jovens que adentram o ambiente escolar, e até mesmo salas de aula, para vingar-se de disputas e brigas ocorridas no bairro (CHARLOT, 2002).

Diante desse breve panorama, torna-se importante diferenciar expressões que são usadas rotineiramente como sinônimo, como violência *na* escola, *da* escola e *à* escola. Ao empregar a expressão violência *na* escola, faz-se referência a algum evento ocorrido dentro do ambiente escolar, do seu espaço físico sem, no entanto, estar

necessariamente relacionado à natureza e a atividades institucionais escolares (CHARLOT, 2002). A violência na escola engloba ações protagonizadas por membros da escola (alunos, professores, diretores, funcionários) e realizadas com motivação pertinente às características e dinâmica desta instituição (RISTUM, 2004).

A violência *à* escola, esta sim, faz menção a acontecimentos ligados à instituição e natureza escolares, onde a violência está voltada para a instituição e os entes que a representam; a violência *da* escola é uma violência praticada pela própria instituição e seus agentes sob os jovens, como atitudes desdenhosas, atribuições arbitrárias de notas, atos grosseiros, racistas e/ou injustos (CHARLOT, 2002).

No espaço educacional, sociólogos franceses desenvolveram uma distinção teórica da violência. Afirmam ser considerada propriamente violência quando o sujeito praticante ataca a lei com o uso de força ou ameaça usá-la. Na transgressão, o indivíduo não fere a lei, mas acaba por desrespeitar o regulamento interno da instituição onde está inserido, aqui se pode englobar o absenteísmo, não realização de trabalhos escolares, falta de respeito, entre outros; a incivilidade, por sua vez, não contradiz a lei ou o regimento interno do estabelecimento, mas rompe com as regras de boa convivência onde são mencionadas atitudes como as brincadeiras de mau gosto, palavrões, apelidos, desrespeito ao professor/aluno e a agressão verbal (CHARLOT, 2002; VIEIRA, 2010).

No entanto, a clara distinção acima citada vem sendo considerada ultrapassada devido ao fato de que a conjunção de transgressões ou incivildades pode fazer com que alunos e professores se sintam atacados em sua dignidade o que merece o nome de

violência. É importante mencionar que essas atitudes podem ser tomadas tanto por alunos como por professores e/ou gestores das instituições de ensino, não obedecendo, necessariamente, a uma hierarquia (VIEIRA, 2010).

Galvão et al. (2010) refere-se ao termo violências escolares, uma vez que o mesmo considera a escola como autora, vítima e palco da violência. Ela pode ser dita autora quando exclui socialmente uma parte dos alunos; vítima, quando seus gestores e docentes são vitimados, em parte como reação pela violência que eles mesmos produzem e, por fim, palco os conflitos entre os que dela fazem parte se desenrolam em seu ambiente.

A violência está presente no cotidiano de todos os cidadãos, mas está fortemente associada à juventude tornando-se cada vez mais frequente em seu dia-a-dia de modo que, atos antes tidos como agressivos, hoje não são assim considerados, tendo em vista a sua frequência e o contexto em que ocorrem. Isso termina por provocar a banalização da violência facilitando sua propagação. (SALLES et al, 2008). Esse fenômeno é conhecido como agressão pró-social, aquela cujos instrumentos e motivações são considerados socialmente aceitos e dentro dos padrões morais de um grupo (TULLOCH, 1995).

Mesmo ocorrendo em um ambiente específico, essa forma de violência sofre grande influência dos fatores sociais, tais como a exclusão social, o descrédito das instituições políticas, bem como está ligada ao estereótipo dos adultos em relação aos jovens e adolescentes gerando preconceitos, discriminação que podem desencadear conflitos entre os jovens e entre jovens e adultos. Essa população passa também por

um período onde os diplomas e as instituições escolares sofrem pela perda na sua crença de legitimidade e pela dificuldade em atingir os objetivos preconizados pela escola como status e ascensão social (DUSI, 2005; SALLES et al, 2008).

Sebastião (2013), afirma que a situação da violência vivenciada na escola também está relacionada com as mudanças progressivas que vem ocorrendo na socialização, especialmente a infantil, nas sociedades contemporâneas. Isso também pode ser atribuído ao fato de a organização escolar, seu papel e o papel dos docentes estarem passando por redefinições.

### **2.3 VIOLÊNCIA CONTRA O PROFESSOR**

A função do docente não se restringe ao processo de condução ao conhecimento, engloba o planejamento e gestão dos planos escolares e a facilitação da relação escola-comunidade. Esse acúmulo de função acaba por sobrecarregar esse profissional, uma vez que o mesmo passa a ter sua jornada de trabalho aumentada, sem, no entanto, receber créditos e remuneração pelo trabalho adicional desempenhado (GASPARINI et al, 2005; NEVES, 2006).

A profissão do professor tem sofrido modificações que se devem a fatores como o fato de as instituições que influenciam os agentes sociais (família, amigos e ambiente cotidiano) repassarem a sua função de condução moral para a escola e o surgimento de novas fontes de transmissão de conhecimento, cultura e de socialização

(meios de comunicação e consumo em massa) (MERAZZI, 1983 apud CARLOTTO, 2002; SILVA e MÜLLER, 2012). Essa modificação excessiva e ocorrida em curto período de tempo pode provocar mal-estar naqueles profissionais que não conseguem se adaptar às novas condições.

O “mal-estar” docente é considerado um relevante problema atual dos trabalhadores da educação, relacionando-se ao seu ambiente profissional: violência nas salas de aula, esgotamento físico, deficiências nas condições de trabalho e escassez de recursos materiais, desvalorização profissional (ARAÚJO, 2005; NEVES, 2006).

As condições de trabalho dos professores que se mobilizam para atingir metas de produção e qualidade de ensino nessa nova realidade acabam por gerar danos sob o aspecto físico, cognitivo e afetivo refletindo em sintomas clínicos que podem explicar o absenteísmo, especialmente por transtornos mentais comuns (TMC) (GASPARINI et al, 2005).

Gasparini et al (2005) mostraram que, de maio de 2001 a abril de 2002, a Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica (GSPM) de Belo Horizonte atendeu 16.556 servidores da educação, dos quais 92% foram afastados do trabalho. Destes, 84% são representantes da categoria dos professores. Dos diagnósticos que provocaram o afastamento, 15% referem-se aos transtornos psíquicos, 12% relacionam-se a doenças do aparelho respiratório e 11% representam as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo.

Fatores como a falta de projetos de educação continuada para capacitação profissional, o grande número de alunos por turma, a infraestrutura inadequada, a falta de participação familiar, a desvalorização profissional são tidos como estressantes. A situação desfavorável de trabalho faz também com que esses profissionais acabem por ter de se adaptar ao panorama vigente desenvolvendo seu trabalho não da forma considerada ideal, o que faz com que ele passe a se sentir desmotivado, impotente e fracassado (GASPARINI et al, 2005).

A cronicidade dessa situação desgastante leva a um quadro que se reflete como apatia, alienação, problemas de saúde, absenteísmo e ao desejo de abandonar a profissão. O absenteísmo, dentro desse contexto é visto como uma forma que o docente encontra de fugir, mesmo que temporariamente, do seu ambiente laboral (CARLOTTO, 2002), sendo considerado também como fator para o aumento da violência (JOYCE e MMANKOKO, 2014).

Essa situação, que recebe o nome de Síndrome de Burned out ou Burnout, sendo no Brasil conhecido como Síndrome do Esgotamento Profissional, caracteriza-se como estresse ocupacional, é um fenômeno individual e cumulativo, podendo levar meses ou anos para se instalar e tornar-se perceptível e que se alimenta de exaustão física e emocional, bem como de frustrações emocionais (REIS et al, 2005).

Essa síndrome pode ser caracterizada como uma exaustão emocional e atitudes cínicas e negativas dos profissionais em relação aos sentimentos dos indivíduos para

os quais dirigem o seu trabalho, uma vez que não há recursos emocionais disponíveis (REIS et al, 2005).

Joyce e Mmankoko (2014) relatam que essas atitudes do professor são encaradas pelos discentes como falta de profissionalismo, o que alimenta ainda mais as atitudes agressivas do aluno contra o professor, como uma forma de reação aos maus-tratos sofridos.

No caso dos professores, Síndrome de Burnout pode ter como consequência prejuízos no planejamento das aulas, perda de entusiasmo e criatividade, frustração, a sensação de ser hostilizado pelos colegas e alunos, autodepreciação e arrependimento de ter investido nessa profissão (CARLOTTO, 2002).

Alguns estudos apontam os professores idealistas e entusiasmados como os mais vulneráveis à síndrome uma vez que costumam ser muito comprometidos com o seu trabalho vindo a sentirem-se decepcionados quando não são reconhecidos em sua dedicação (CARLOTTO, 2002).

Lokmić et al (2013) alegaram que o risco de exposição é menor com a idade e o tempo de serviço. Isso poderia se explicar pelo fato de que os docentes com mais experiência conseguiriam manter a disciplina e os estudantes respeitariam sua autoridade. Por outra perspectiva, isso pode ocorrer porque, com o passar dos anos, o profissional ficaria menos sensível a comportamentos inapropriados e não daria aos mesmos a devida importância.

Somando-se às condições para o desempenho da profissão muitas vezes desfavorável, o docente vem se deparando com um ambiente de trabalho cada vez mais hostil, no qual o mesmo pode passar a ser vítima seja da violência física, seja da psicológica, podendo, em virtude desse cenário, vir a apresentar sintomas como dor de cabeça, fadiga, depressão, entre outros (WILSON, 2011).

Desde a década de 1980 vários estudos têm sido desenvolvidos explorando a violência na escola e o estudante enquanto vítima. No entanto, poucos são os que tratam o professor como vítima e, mais escassos ainda, são aqueles que se propõe a discutir as consequências que a violência contra esse profissional possa gerar (deterioração da relação aluno-professor, queda da qualidade de ensino, síndrome de Burnout e sensação de medo constante proveniente da violência no ambiente de trabalho) (WILSON, 2011; REDDY et al., 2013).

Todas essas consequências citadas acima fazem com que parte dos docentes cogite mudar de emprego. Um estudo realizado nos Estados Unidos da América (EUA) apontou que 12% desses professores afirmam que esse medo da violência na escola causou estresse físico e mental, bem como prejuízos no desempenho da função. Esses dados refletem a opinião daqueles que mesmo não tendo sido vítimas da violência sentem-se constantemente ameaçados. Esse relato comprova que apenas o ato de temer e sentir-se vulnerável no seu próprio ambiente de trabalho é o suficiente para causar efeitos adversos nos profissionais da educação. (WILSON, 2011).

Anser (2003) afirma em seu estudo que embora o conceito de violência esteja fortemente ligado ao aspecto social, foi observado que apenas os alunos foram considerados como agentes desse tipo de ação. Os educadores excluíram-se desse sistema de relações no qual ocorre a violência, talvez por indiferença ou indefinições de papéis e habilidades insuficientes para agir diante das situações que se apresentam no cotidiano escolar. Apesar de ser agente desse sistema no qual a violência se manifesta e reproduz o professor também vem a ser sua vítima.

Diante desses fatos é importante traçar um panorama da situação de violência das escolas e refletir a respeito das possíveis causas e das repercussões da violência na qualidade de ensino e na situação de saúde dos envolvidos.

### 3 JUSTIFICATIVA

A violência é considerada um fenômeno polissêmico, que se apresenta de distintas formas e não possui restrições quanto à classe social, raça, gênero e local para que seja expressa.

Esse fato pode ser observado pelo aumento crescente das ações violentas que vem sendo propagadas pela mídia no ambiente escolar. Cenário antes considerado templo de segurança e de estímulo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e percepto-sensoriais.

A violência na escola pode se manifestar através de agressões físicas, verbais e/ou morais, não obedecendo, necessariamente, a uma hierarquia e podendo ser perpetrada por qualquer indivíduo que esteja presente nesse local.

Escolas cujos indicadores de violência são considerados altos apresentam, dentre a equipe de docentes, elevados níveis de sintomas físicos e psíquicos, representando um risco para a saúde desses indivíduos (CELIK, 2010).

Essas ações deletérias contra os discentes têm suas consequências melhor exploradas. No entanto, são poucos os estudos que se debruçaram sobre o professor a fim de investigar quais as repercussões para a saúde desses profissionais, bem como para sua percepção da sua capacidade de desenvolvimento de seu ofício (ESPELANDE et al., 2013; MIRANDA et al., 2014).

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 OBJETIVO GERAL**

- Identificar a violência nas escolas e a sua relação com as condições de trabalho e saúde geral de professores de escolas públicas municipais de um município da Região Metropolitana do Recife (RMR), Pernambuco – Brasil.

### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Conhecer o perfil dos professores da rede de ensino municipal de um município da Região Metropolitana do Recife (RMR) de acordo com dados sociodemográficos, condições de trabalho e de saúde geral.
- Estimar a prevalência de violência contra o professor na escola.
- Descrever as situações de violência vivenciadas na escola quanto ao tipo de violência e agressores envolvidos.
- Analisar a associação entre a violência na escola e as condições de trabalho do professor.
- Analisar a associação entre violência na escola e saúde geral da população estudada.

## 5 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo é um recorte do projeto de pesquisa Condições de Trabalho e Saúde do Professor, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) sob o registro 008-11 (Anexo I).

Trata-se de um estudo transversal de caráter exploratório. O estudo transversal ou seccional é uma estratégia de estudo epidemiológico que se caracteriza pela observação direta de determinada quantidade planejada de indivíduos em um só momento (KLEIN, BLOCH, 2009).

De modo geral, o emprego do estudo seccional relaciona-se com a necessidade de conhecer e explorar de que maneira uma ou mais características, sejam elas individuais ou coletivas, distribuem-se em uma determinada população.

A descrição da distribuição de um agravo da saúde em uma população é uma das fontes imprescindíveis para o planejamento e administração de ações voltadas para prevenção, tratamento e reabilitação tanto em nível coletivo quanto individual (KLEIN, BLOCH, 2009).

Dentre as vantagens deste modelo de estudo, destaca-se:

- a) Facilidade na execução e de custo reduzido (quando comparado aos demais tipos de desenho epidemiológico);
- b) Possibilidade de obtenção de informações relevantes em situações de limitação de tempo e de recursos;
- c) Produção de informações sobre a frequência e característica da doença ou agravo, fornecendo informações relevantes para os serviços de saúde e programas de intervenção;
- d) Possibilidade de descrição de características dos eventos na população, seja da doença, seja dos fatores a ela relacionados, a fim de identificar casos ou detectar grupos de alto risco, para os quais se pode privilegiar medidas de intervenção mais imediatas;
- e) Possibilidade de estudos de condições ou estados que podem levar à doença, como, por exemplo, o nível de estresse em uma população.
- f) Podem ser usados para conhecer associações e examinar redes causais.

## **5.1 LOCAL DO ESTUDO**

Escolas da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes, cidade situado a 20 quilômetros da cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, em uma zona urbana chamada Região Metropolitana do Recife (RMR). O município possui uma extensão territorial de 258,694 Km<sup>2</sup>, sendo composto, de acordo com o censo de 2010, por 644.620 habitantes. A economia local baseia-se no comércio, indústria, serviços e turismo/lazer (IBGE, 2010).

Em 2010, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município era de 0,717, enquanto Pernambuco surgiu com IDH de 0,673. O Brasil, naquele mesmo ano apresentava IDH de 0,699 e a média mundial era de 0,642. Esse indicador é uma medida elaborada pela ONU destinada a avaliar a qualidade de vida e desenvolvimento econômico de uma população tendo como base três pilares: saúde, nesse caso, a expectativa de vida ao nascer; educação, levando-se em consideração a média de anos de estudo (adultos) e anos esperados de escolaridade (crianças); renda, baseando-se na renda nacional bruta com base na paridade do poder de compra por habitante. Esse valor varia de 0 a 1 e, quanto mais próximo de 1 maior o nível de desenvolvimento humano. O índice que encontra-se entre 0,500 e 0,799 é considerado médio (IBGE, 2010).

A renda per capita do município era de R\$ 566,17. Essa renda foi de R\$ 442,00 para o estado de Pernambuco, R\$ 19.016 no Brasil. O índice de Gini foi de 0.5961 naquele município, enquanto para o estado de Pernambuco esse valor foi de 0,559 sendo 0,59 o índice nacional. Essa medida é utilizada para mensurar o grau de desigualdade na distribuição da renda domiciliar per capita, apresentando dados entre o número 0, que representa uma completa igualdade de renda e 1, que revela uma completa desigualdade (IBGE, 2010) .

A taxa de pessoas de 10 ou mais anos que não apresentavam instrução ou tinham o ensino fundamental incompleto chegava, em 2010 a 47,58%. O índice de desenvolvimento humano municipal (IDMH) em educação do município donde foram colhidos os dados foi 0.642. A escala é dividida em cinco faixas - de muito baixo

(0,000 - 0,499), baixo ( 0,500 - 0,599), médio (0,600 - 0,699), alto (0,700 - 0,799) e muito alto (0,800 - 1,000). (ATLAS BRASIL, 2010)

Este indicador pode verificar o grau de escolarização da população adulta bem como o fluxo escolar da população jovem acompanhando-o em quatro momentos distintos: a entrada no sistema educacional, finalização do primeiro ciclo do ensino fundamental e conclusão do ensino fundamental e do ensino médio. Quanto mais próximo de 1 (100%) melhor o desempenho desses dois itens verificados. (ATLAS BRASIL, 2010)

## **5.2 POPULAÇÃO DO ESTUDO E DEFINIÇÃO DA AMOSTRA**

A secretaria de educação do município onde foi realizada a coleta contava com aproximadamente 4000 professores distribuídos em 127 escolas construídas em cinco distritos. Devido às contratações de temporários e vacâncias, o número de professores varia ao longo do ano. Este estudo considerou os dados informados pela secretaria de educação no momento do início da coleta de dados.

A população foi composta por professores da rede municipal de um município da Região Metropolitana do Recife (RMR) que faziam parte do quadro ativo permanente ou com vínculo contratual temporário.

A fim de estimar o número mínimo de indivíduos a serem estudados de modo a garantir a validade interna e reduzir os custos do estudo, foi realizado o cálculo do

tamanho da amostra. Para isso foi utilizado o módulo StatCalc do programa EpiInfo versão 3.5.1. Os parâmetros de cálculo aplicados foram: estudo de corte transversal, Intervalo de Confiança (IC) de 95%, poder do estudo de 80% e razão de chances igual a 2.

O presente estudo, como dito anteriormente, trata-se de um recorte de um projeto estruturante que previa, em sua idealização, diferentes desfechos possíveis, entre eles: alteração vocal, alteração postural e TMC. As pesquisas tomadas como base para o cálculo amostral foram realizadas em populações de professores do ensino fundamental e médio.

Para o projeto estruturante, o maior tamanho de amostra necessário dentro do universo pesquisado foi 262 sujeitos. Considerando a possibilidade de recusas e perdas, foram acrescentados 30% ao número de tamanho de amostra. Desta forma, a amostra final do estudo, segundo os cálculos anteriormente citados, seria de 341 indivíduos ou, arredondando, 350 professores. No entanto, devido à grande adesão dos participantes, o estudo contou com 525 sujeitos.

### **5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

Para a coleta de informações foi utilizado um questionário (Apêndice A) respondido pelo próprio (a) professor (a). Inserido no questionário estava o Self-Report Questionnaire (SRQ-20).

O SRQ-20 é um instrumento que foi desenhado pela OMS para triar possíveis distúrbios psiquiátricos especialmente nos setores básicos de saúde, sendo frequentemente utilizado em estudos que abordam a saúde do trabalhador. (MARI e WILLIAMS, 1986; SANTOS et al, 2010)

Este instrumento é dividido em 24 itens dos quais os 20 primeiros detectam distúrbios não psicóticos e os restantes identificam distúrbios psicóticos. Trata-se de um instrumento autoaplicável, em escala dicotômica (sim/não) para cada questão. Propõe-se a identificar o nível de suspeita, ou seja, presença/ausência de transtorno mental sem, no entanto, diagnosticar o transtorno existente. (SANTOS et al, 2010)

Os sintomas neuróticos avaliados pela versão de 20 itens do SRQ-20 aproximam-se dos TMC, que se caracterizam por sintomas não psicóticos, como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas. (MARI e WILLIAMS, 1986; SANTOS et al, 2010)

A versão final do questionário foi elaborada em conjunto com a equipe técnica desta pesquisa. Em linhas gerais, o questionário era composto pelos seguintes blocos de questões:

### **5.3.1 Identificação Geral do(a) Entrevistado(a)**

Destinou-se a caracterizar os indivíduos integrantes da amostra segundo variáveis sociodemográficas e da atividade profissional (gênero, escolaridade, idade, tempo de trabalho na profissão, carga horária total de trabalho na semana, turno de trabalho).

### **5.3.2 Questões Sobre as Condições do Ambiente de Trabalho**

As questões avaliaram aspectos nocivos à saúde que os docentes percebiam como característicos dos seus locais de trabalho (salas de aula e demais ambientes de trabalho), bem como riscos específicos. Incluiu aspectos referentes à estrutura física dos ambientes, condições climáticas, relações interpessoais e aspectos psicossociais do trabalho característicos na atividade docente, nos locais investigados.

### **5.3.3 Problemas de Saúde**

Destinado a avaliar a situação global de saúde dos indivíduos, buscando identificar queixas e sintomas de alguns agravos à saúde, tais como lesões por esforços repetitivos, distúrbios auditivos e visuais, alergias, dentre outros problemas de saúde mais frequentes.

### **5.3.4 Questões Sobre Prevenção e Hábitos de Vida**

As questões deste bloco referiam-se a hábitos de vida como tabagismo, prática de atividade física, bem como medidas adotadas para prevenção de doenças.

### **5.3.5 Caracterização de Situações de Violência na Instituição**

Incluiu questões sobre situações de violência vivenciadas na escola em várias dimensões (verbal e física) em conflitos de alunos com alunos, professores, funcionários com alunos, professores/funcionários com professores/funcionários e vindos de fora da escola (pais, vizinhança, outros).

## **5.4 COLETA DE DADOS**

Em função das questões abordadas nesta pesquisa e objetivando diminuir ao máximo possíveis recusas, foi mantido o anonimato do indivíduo ao responder o questionário, não sendo solicitada a identificação pessoal do (a) professor (a) bem como não foi discriminada a área ou o estabelecimento educacional do qual o docente fazia parte.

A Secretaria Municipal de Educação possui um cronograma anual de educação continuada do qual todos os professores devem participar. Durante a coleta de dados,

estavam reunidos, em uma faculdade situada no município, docentes provenientes de escolas dos 5 distritos de Jaboatão dos Guararapes. Dentre os participantes encontravam-se professores de todas as disciplinas constantes na grade curricular do município.

A atividade de campo teve início com a visita de um auxiliar de pesquisa ao local onde ocorreu a capacitação dos docentes. Este auxiliar conduziu uma apresentação da proposta do estudo aos professores. Após a apresentação do projeto, os mesmos receberam o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Apêndice II). Após assinatura e recolhimento do TCLE, os professores receberam o questionário para preenchimento junto com um folder contendo informações sobre a saúde do professor.

Após digitação, os questionários e os TCLE preenchidos foram arquivados e deverão permanecer por um período maior que cinco anos na sala de trabalho da pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa, no Departamento de Medicina Social da UFPE, sendo a mesma responsável pela guarda dos documentos anteriormente citados.

Os auxiliares de pesquisa foram alunos de iniciação científica vinculados à graduação da universidade. Estes estudantes foram capacitados para a apresentação da pesquisa e para esclarecer dúvidas sobre o preenchimento do questionário pelo professor assim com também participaram da elaboração e alimentação do banco de dados.

## 5.6 CONSTRUÇÃO DO BANCO DE DADOS

As variáveis codificadas foram digitadas em banco de dados do programa EpiInfo versão 3.5.1. Para codificação das variáveis elaborou-se um livro de códigos utilizado no momento da digitação dos dados.

## 5.7 DIGITAÇÃO DOS DADOS

Para avaliação da qualidade dos dados digitados e da precisão das informações foi sorteada amostra de 10% dos casos para averiguação.

## 5.8 QUADRO DE VARIÁVEIS

<b>Variável Dependente</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Violência	Agressão verbal e/ou física no ambiente escolar.	Dicotômica	0= Não 1= Sim
<b>Bloco 1 – Identificação</b>			
<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Idade	Tempo de vida em anos.	Discreta	Anos Completos
Sexo	Sexo autorreferido pelo pesquisado.	Nominal Dicotômica	0= masculino 1= feminino
Cor da pele	Autorreferido pelo entrevistado.	Nominal	0= Branca 1= Parda 2= Negra 3 = Outra
Orientação sexual	Opção sexual autorreferida.	Nominal	0= Heteressexual 1= Homossexual 2= Bissexual 3= Outro (a)
Renda média mensal do domicílio	Soma total dos salários de todos os membros do domicílio.	Contínua	Valor em Real (R\$)
Quantas pessoas dependem desta renda	Pessoas que se beneficiam da renda do domicílio.	Discreta	Valor Referido
Escolaridade	Tempo de frequência ou de permanência do indivíduo na escola.	Discreta	0= Mestrado e/ou Doutorado 1= Especialização 2= Superior Completo 3= Superior Incompleto 4= Médio
Tempo que trabalha como professor (anos)	Tempo de carreira exercendo a profissão docente.	Discreta	Anos Completos

Carga horária semanal (somente em sala de aula)	Tempo, em horas, dedicadas à atividade docente.	Discreta	Valor Referido
Outras atividades desenvolvidas na escola	Demais funções exercidas não diretamente relacionadas à docência.	Ordinal	1= Coordenação 2= Biblioteca 3= Cantina/Cozinha 4= Outros
<b>Bloco 2 – Ambiente da Escola</b>			
<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Tamanho da sala é adequado para o número de alunos	Espaço físico disponível para o desenvolvimento das atividades.	Nominal Dicotômica	0= Não 1= Sim
Iluminação adequada em sala	Intensidade da luz irradiada no ambiente de trabalho.	Nominal Dicotômica	0= Não 1= Sim
<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Acústica adequada em sala	Nível de ruídos no ambiente de trabalho.	Nominal Dicotômica	0= Não 1= Sim
Mobiliário adequado em sala	Adequação dos bens móveis ao desempenho da atividade laboral.	Nominal Dicotômica	0= Não 1= Sim
Ventilação adequada em sala	Circulação/troca de ar entre as habitações e o meio envolvente.	Nominal Dicotômica	0= Não 1= Sim
Local de repouso entre as aulas	Ambiente para descanso nos intervalos das atividades.	Nominal Dicotômica	0= Não 1= Sim
<b>Bloco 3 – Capacidade para o Trabalho</b>			
<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Capacidade física para o trabalho	Competência física autorreferida para o desempenho do trabalho.	Ordinal	0= Muito Boa 1= Boa 2= Moderada 3= Baixa 4= Muito Baixa
Absenteísmo por motivos médicos (dias)	Faltas em caso de consultas e/ou exames médicos. (pessoal do respondente)	Discreta	Valor referido Baixa
Capacidade emocional para o trabalho	Competência emocional autorreferida para o desempenho do trabalho.	Ordinal	0= Muito boa 1= Boa 2= Moderada 3= Baixa 4= Muito baixa
Capacidade de trabalho daqui a 2 anos	Competência autorreferida relacionada ao desempenho do trabalho no futuro.	Ordinal	0= Serei capaz 1= Não sei 2= Não serei capaz
<b>Bloco 4 – Saúde Geral</b>			

<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Diabetes	Aumento da concentração de glicose no sangue por insuficiência de insulina	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
Hipertensão	Distúrbio clínico onde pressão exercida pelo sangue contra as paredes dos vasos sanguíneos ultrapassa o valor normal	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
Endometriose	Doença ginecológica onde há pela presença de tecido semelhante ao endométrio fora do útero.	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Alergias	Resposta ou reação imunológica exagerada a substâncias que, geralmente, não são nocivas.	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
Problemas circulatórios	Má circulação que pode ser causada por insuficiência venosa e/ou arterial, por acúmulo de placas de gordura nas artérias.	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
Problemas digestivos	Distúrbios relacionados a qualquer fase do processo digestivo.	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
Problemas vocais	Disfunções relacionadas às características da voz, disfonias, calos vocais.	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
Problemas respiratórios	Distúrbios respiratórios relacionados à troca gasosa ou insuficiência dos valores de ventilação alveolar para determinada demanda metabólica.	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
Problemas emocionais	Transtornos não-psicóticos como depressão, labilidade emocional, desmotivação,.	Ordinal	0= Não 1= Acho que sim 2= Médico disse que sim
Peso atual (Kg)	Peso corporal em	Contínua	Valor referido

	quilos (Kg).		
Altura	Dimensão vertical de um corpo.	Contínua	Valor referido
Medicamentos de uso diário	Ingestão de drogas para manter estáveis determinadas funções vitais.	Ordinal	0= Nenhum 1= Outros 2= Antialérgico 3= Diurético 4= Anticolesterol 5= Anti-inflamatório 6= Antidiabético 7= Vitaminas 8= Antidepressivo 9= Anticoncepcional 10= Moderador de apetite 11= Analgésico
Variável	Definição	Tipo / Instrumento	Análise
Frequência anual de visitas ao médico	Idas ao profissional de saúde com intuito de cuidar da saúde física e/ou mental.	Ordinal	0= Mais de 10 vezes 1= 6 a 10 2= 1 a 5 3= Nenhuma
Frequência da prática de atividades físicas	Repetição semanal de movimentos corporais que exigem gasto energético.	Ordinal	0= Mais de 3 vezes/semana 1= 1 a 3 vezes/semana 2= Finais de semana 3= Nunca
Dor corporal nos últimos 7 dias	Fenômeno subjetivo que envolve aspectos físicos, sensoriais e emocionais expressada, geralmente, como desagradável.	Ordinal	0= Sem dores 1= Outro 2= Nos ombros 3= Cotovelos 4= Porção superior das costas 5= Parte inferior das costas 6= Quadril ou coxa 7= Joelhos 8= Tornozelos e/ou pés 9= Pescoço 10= Punhos e mãos
Frequência do ato de fumar	Repetição do ato de tragar/aspirar a fumaça do cigarro, charuto e/ou cachimbo.	Ordinal	0= Diariamente 1= Às vezes 2= Raramente 3= Não fumo
Frequência de ingestão de bebida alcoólica	Repetição do ato de ingerir líquido que contenha álcool etílico.	Ordinal	0= Mais de uma vez por semana 1= Às vezes 2= Raramente 3= Não bebo
TMC	Transtorno mental comum caracterizado	Dicotômica. Calculada a partir do	Até 7 = Não suspeito A partir de 7=

	por distúrbios de ansiedade, depressão ou somatização.	SRQ-20	Suspeito
<b>Bloco 5 – Violência na Escola</b> ( <i>situações vivenciadas nos 6 meses anteriores</i> )			
<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Roubo/Furto	Subtrair coisa alheia mediante grave ameaça ou violência/ Subtrair posse de outrem	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Agressão Física Contra Estudante	Usar de força física excessiva contra discente	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Agressão Física Contra Professor	Usar de força física excessiva contra docente	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Agressão Física Contra Chefia ou Outro Funcionário	Usar de força física contra qualquer outro trabalhador vinculado à escola	Dicotômica	0= Não 1= Sim
<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Agressão Verbal e/ou Ameaça Contra Estudante	Forma de violência psicológica por meio de palavras ou atitudes agressivas e que causam humilhação ao discente	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Agressão Verbal e/ou Ameaça Contra Professor	Forma de violência psicológica por meio de palavras ou atitudes agressivas e que causam humilhação ao docente	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Agressão Verbal e/ou Ameaça Contra Chefia ou Outro Funcionário	Forma de violência psicológica por meio de palavras ou atitudes agressivas e que causam humilhação a qualquer outro trabalhador vinculado à escola	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Agressão ou Ameaça com Arma de Fogo ou Arma Branca	Danos físicos e/ou psicológicos provocados pelo uso de armas	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Tráfico ou Venda de Drogas	Comércio ilícito de entorpecentes	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Consumo de Drogas	Uso de entorpecentes	Dicotômica	0= Não 1= Sim
Consumo de Bebidas Alcoólicas	Uso de drogas lícitas, como o álcool	Dicotômica	0= Não 1= Sim

<i>Na Vizinhança Próxima à Escola Você Vê:</i>			
<b>Variável</b>	<b>Definição</b>	<b>Tipo / Instrumento</b>	<b>Análise</b>
Roubo/Furto	Subtrair coisa alheia mediante grave ameaça ou violência/ Subtrair posse de outrem	Ordinal	0= Nunca 1= Às vezes 2= Sempre
Agressão Verbal	Forma de violência psicológica por meio de palavras	Ordinal	0= Nunca 1= Às vezes 2= Sempre
Depredação	Dano causado à propriedade alheia	Ordinal	0= Nunca 1= Às vezes 2= Sempre
Agressão Física	Usar de força física excessiva contra outrem	Ordinal	0= Nunca 1= Às vezes 2= Sempre
Homicídio	Ato de tirar a vida de um semelhante	Ordinal	0= Nunca 1= Às vezes 2= Sempre
Tráfico/Venda de Drogas	Comércio ilícito de entorpecentes	Ordinal	0= Nunca 1= Às vezes 2= Sempre

## 5.9 ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente foram descritas e analisadas características da população estudada de acordo com as informações gerais obtidas no bloco de identificação dos indivíduos. O mesmo procedimento foi efetuado para a caracterização e descrição do ambiente de trabalho. Foram analisadas, preliminarmente, as frequências de eventos violentos, do agressor e dos sintomas e queixas referidas pelos docentes e as médias das variáveis contínuas. As variáveis contínuas foram redefinidas e categorizadas.

Para avaliar a suspeita de TMC, realizou-se o somatório das variáveis que compunham o SRQ-20. No banco de dados cada resposta positiva foi considerada como 1 e, por sua vez, as assertivas negativas eram consideradas como 0. A variável contínua foi então redefinida e categorizada como dicotômica. O ponto de corte como indicador de suspeita de TMC foi classificada como alta ( $\geq 8$ ) ou baixo ( $\leq 7$ ). (MARI e WILLIAMS, 1986; SANTOS et al, 2010)

A fim de verificar de que maneira as variáveis se relacionam com o desfecho, foi realizada a análise bivariada das variáveis referentes à saúde geral e condições de trabalho com o desfecho violência. Para inferência estatística será utilizado um intervalo de confiança (IC) de 95%.

## 5.10 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi aprovado pelo CEP/CCS/UFPE. Foi assegurada a confidencialidade dos dados fornecidos para a presente pesquisa. A equipe se comprometeu a utilizar as informações dadas exclusivamente para atender aos objetivos estabelecidos no presente estudo.

Em nenhuma situação, o entrevistado foi identificado, mantendo-se o anonimato do mesmo. Também não foi solicitado que o indivíduo identificasse qual a escola e/ou área em que trabalhava. Esse procedimento objetivava assegurar o máximo de confidencialidade das informações, impossibilitando a identificação do indivíduo entrevistado. Esperava-se, com esse procedimento, diminuir recusas em participar do estudo e aumentar a fidedignidade das respostas dadas.

Também foi solicitado ao participante da pesquisa concordância formal em participar do estudo, assumindo conhecer e concordar com os objetivos do estudo, por meio de um TCLE, seguindo-se as recomendações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), dispositivo que vigorava na época da coleta dos dados.

Esta pesquisa não representou riscos físicos ou psicossociais para os pesquisados. Em contrapartida, os pesquisados receberam um folder (Anexo III) explicativo sobre saúde do professor. Esse material foi elaborado pela equipe integrante do projeto e também foi disponibilizado para os professores que demonstraram interesse no material distribuído estando sua entrega desvinculada da participação na pesquisa.

## 6 RESULTADOS

A Tabela 1 traz as características sociodemográficas dos indivíduos participantes do presente estudo. Dentre esses, 86,1% são do sexo feminino, 63,4% situam-se na faixa etária de 31 a 50 anos de idade com média de 38,72 anos (DP = 10,47), 54,3% declararam-se pardos e 94,3% afirmam ser heterossexuais. 48,2% recebem de 1 a 6 SM; 76,6% afirmam que desta renda dependem, pelo menos, 3 pessoas. 51,0% dos entrevistados possuem especialização enquanto apenas 2,5% são mestres e/ou doutores.

Variável	N(525)	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	73	13,9
Feminino	452	86,1
<b>Idade (anos completos)</b>		
Até 30 anos	124	23,6
31 a 40 anos	175	33,3
41 a 50 anos	158	30,1
Mais de 50 anos	68	13,0
<b>Cor da Pele</b>		
Branca	146	27,8
Parda	285	54,3
Negra	88	16,8
Outra	6	1,1
<b>Orientação Sexual</b>		
Heterossexual	495	94,3
Homossexual	28	5,3
Bissexual	-	-
Outro	2	0,4
<b>Renda Mensal (Salários Mínimos – SM<sup>1</sup>)</b>		
Mais de 6 SM	228	43,4
4 a 6 SM	129	24,6
1 a 3 SM	124	23,6
Até 1 SM	44	8,4
<b>Pessoas Dependentes da Renda</b>		
1 Pessoa	38	7,2
2 Pessoas	85	16,2
3 Pessoas	234	44,6
4 Pessoas	115	21,9
Mais de 5 Pessoas	53	10,1
<b>Escolaridade</b>		
Mestrado/Doutorado	13	2,5
Especialização	268	51,0
Superior Completo	71	13,5
Superior Incompleto	129	24,6
Médio	44	8,4

Quando questionados sobre os aspectos organizacionais da profissão, 51,0% dos entrevistados afirmaram exercer o ofício docente há mais de 10 anos, 54,7% possuem carga horária superior a 20 horas semanais e 79,9% não se encontravam envolvidas com outras atividades desenvolvidas na escola (Tabela 2).

No tocante à estrutura física do ambiente laboral, 62,1% afirmaram que a dimensão física da sala de aula é inadequada. Essa insatisfação foi a mesma quando o docente foi questionado quanto à iluminação (60,0%), acústica (74,3%), mobiliário (75,6%), ventilação (67,2%) bem quanto à inexistência de um ambiente apropriado para o repouso entre uma aula e outra (78,3%) (Tabela 2).

**Tabela 2.** Características físicas e organizacionais do ambiente de trabalho docente segundo professores da rede municipal de ensino de um município da RMR, PE, 2011.

Variável	N (525)	%
<b>Tempo de Carreira (anos)</b>		
0-10 anos	257	49,0
Acima de 10 anos	268	51,0
<b>Carga Horária Semanal</b>		
0-20 horas/semana	238	45,3
Acima de 20 horas/semana	287	54,7
<b>Outras Atividades Desenvolvidas na Escola</b>		
Biblioteca	12	0,4
Cantina/Cozinha	4	0,8
Direção	6	1,1
Outros	22	4,2
Coordenação	24	4,6
Não exerce atividade extra	467	79,9
<b>Tamanho Adequado da Sala de Aula</b>		
Sim	199	37,9
Não	326	62,1
<b>Iluminação Adequada da Sala de Aula</b>		
Sim	210	40,0
Não	315	60,0
<b>Acústica Adequada da Sala de Aula</b>		
Sim	135	25,7
Não	390	74,3
<b>Mobiliário Adequado em Sala de Aula</b>		
Sim	128	24,4
Não	397	75,6
<b>Ventilação Adequada da Sala de Aula</b>		
Sim	172	32,8
Não	353	67,2
<b>Local de Repouso Entre as Aulas</b>		
Sim	114	21,7
Não	411	78,3

Fonte: Banco de Dados

Quando questionados sobre sua saúde, 56% relataram ter uma capacidade física para o trabalho classificada de moderada a muito baixa, no tocante à capacidade

emocional, 59,4% declararam dispor de uma capacidade boa ou muito boa. Sobre o desempenho da sua função nos próximos dois anos, 42,9% acredita que não será capaz de desempenhar sua função em virtude da situação atual de saúde.

Dentro da amostra, 3,4% dos professores declararam-se diabéticos, 18,5% afirmaram ser hipertensos, 47,5% referiram algum tipo de alergia, 36,0% relataram sofrer de problemas circulatórios. Quando perguntados sobre problemas digestivos, vocais e respiratórios, as prevalências foram de 32,0%, 49,9%, 22,9%, respectivamente (Tabela 3).

Dentre os participantes, 60,8% referiram, no momento da entrevista, estar com peso normal ou abaixo do peso, 59,6% não praticavam quaisquer tipos de atividade física. Quando interpelados sobre o uso de remédios, 95% dos indivíduos relataram utilizar algum tipo de medicação de uso diário e 81,1% relataram sentir dor em pelo menos um segmento corporal. Dentre os indivíduos que compuseram a amostra, 90,1% dos professores afirmaram não possuir o hábito de fumar, 62,5% não têm o hábito de ingerir bebidas alcoólicas e 37,1% encontravam-se abaixo do ponto de corte para identificar a presença de TMC (Tabela 3).

Dos indivíduos participantes, 25,1% afirmaram que precisaram faltar pelo menos 5 dias de trabalho durante o ano por motivos de doença ou para realizar consulta médica e/ou exame. 16,8% realizaram pelo menos 6 consultas médicas, dos quais 4,4% estiverem presentes a mais de 10 consultas (Tabela 3).

**Tabela 3.** Saúde autorreferida por professores da rede municipal de um município da RMR, PE, 2011.

Variável	N (525)	%
<b>Capacidade física para o trabalho</b>		
Muito boa	48	9,1
Boa	183	34,9
Moderada	215	41,0
Baixa	61	11,6
Muito baixa	18	3,4
<b>Capacidade emocional para o trabalho</b>		
Muito boa	65	12,4
Boa	247	47,0
Moderada	174	33,1
Baixa	27	5,1
Muito baixa	12	2,3
<b>Faltas por problemas de saúde, consulta médica ou exames nos últimos 6 meses (dias)</b>		
0-5 dias	393	74,9
Acima de 5 dias	132	25,1
<b>Percepção sobre sua capacidade de realizar seu trabalho daqui a 2 anos, considerando a sua saúde atual</b>		
Serei capaz	300	57,1
Não serei capaz	216	41,1
Não sei	9	1,8
<b>Diabetes<sup>1</sup></b>		
Não	507	96,6
Sim	18	3,4
<b>Hipertensão<sup>1</sup></b>		
Não	428	81,5
Sim	97	18,5
<b>Endometriose<sup>1</sup></b>		
Não/Não se aplica <sup>2</sup>	496	94,5
Sim	29	5,6
<b>Alergias<sup>1</sup></b>		
Não	276	52,6
Sim	259	47,5
<b>Problemas Circulatórios<sup>1</sup></b>		
Não	336	64,0
Sim	189	36,0
<b>Problemas Digestivos<sup>1</sup></b>		
Não	357	68,0
Sim	168	32,0
<b>Problemas Vocais<sup>1</sup></b>		
Não	263	50,1
Sim	262	49,9
<b>Problemas Respiratórios<sup>1</sup></b>		
Não	405	77,1
Sim	120	22,9

**Tabela 3.** Saúde autorreferida por professores da rede municipal de um município da RMR, PE, 2011.

<b>Variável</b>	<b>N (525)</b>	<b>%</b>
<b>Problemas Emocionais<sup>1</sup></b>		
Não	365	69,5
Sim	160	30,5
<b>IMC (Índice de Massa Corpórea)<sup>3</sup></b>		
Baixo peso	21	4,0
Peso normal	298	56,8
Pré obeso	135	25,7
Obesidade 1	48	9,1
Obesidade 2	16	3,0
Obesidade 3	7	1,3
<b>Medicamentos de Uso Diário<sup>4</sup></b>		
Nenhum	26	5
Outros	499	95,0
Antialérgico	53	10,1
Diurético	15	2,9
Anticolesterol	21	4,0
Anti-inflamatório	41	7,8
Antidiabético	9	1,7
Suplemento Alimentar/Vitaminas	90	17,1
Antidepressivo	27	5,1
Anticoncepcional	59	11,2
Moderador de Apetite	10	1,9
Analgésico	103	19,6
Anti-hipertensivo	54	10,3
<b>Frequência de Visitas Médicas Anuais</b>		
Mais de 10 vezes	23	4,4
6 a 10	65	12,4
1 a 5 vezes	363	69,1
Nenhuma	74	14,1
<b>Frequência na Prática de Atividades Físicas</b>		
Mais de 3 vezes por semana	44	8,4
1 a 3 vezes por semana	79	15,0
Finais de semana	89	17,0
Nunca	313	59,6
<b>Dores Corporais</b>		
Sim	99	18,9
Não	426	81,1
<b>Região Afetada pela Dor<sup>4</sup></b>		
Nos ombros	166	31,6
Cotovelo	23	4,4
Parte superior das costas	146	27,8
Parte inferior das costas	96	18,3
Quadril ou coxa	58	11,0
Joelhos	95	18,1
Tornozelo e/ou pés	126	24,0
Pescoço	143	27,2
Punhos e mãos	94	17,9
Outro	426	81,1

**Tabela 3.** Saúde autorreferida por professores da rede municipal de um município da RMR, PE, 2011.

Variável	N (525)	(conclusão) %
<b>Frequência de tabagismo</b>		
Diariamente	35	6,7
Às vezes	11	2,1
Raramente	6	1,1
Nunca	473	90,1
<b>Frequência de ingestão de bebida alcoólica</b>		
Mais de 1 vez por semana	17	3,2
Finais de semana	52	9,9
Raramente	128	24,4
Não bebe	328	62,5
<b>TMC (Transtorno Mental Comum)</b>		
Não	330	62,9
Sim	195	37,1

Fonte: Banco de dados

<sup>1</sup> Patologias autorreferidas.

<sup>2</sup> Não se aplica refere-se aos indivíduos do sexo masculino participantes da pesquisa.

<sup>3</sup> IMC (Peso corporal (kg) / Altura (m)<sup>2</sup>)

<sup>4</sup> Opção de mais de uma resposta.

A frequência de violência ocorrida na escola foi de 73,9%. A tabela 4, refere-se às situações de violência vivenciadas nos últimos 6 meses. A agressão física (51,8%) e a agressão verbal contra o estudante (51,0%) foram os fenômenos mais frequentes. A agressão verbal contra o professor também figurou como evento frequente, estando presente no depoimento de 42,9% dos docentes. Dentro do ambiente escolar também foram vivenciadas situações de agressão ou ameaça com arma de fogo ou arma branca (7,0%), tráfico de drogas (10,1%), consumo de drogas (11,0%), consumo de bebida alcoólica (4,4%).

O roubo/furto dentro da escola foi relatado por 36,4% dos participantes enquanto a agressão física contra o professor, a agressão física ou verbal contra a chefia ou outro funcionário foram citados por 22,9%, 15,4% e 28,2%, respectivamente (Tabela 4).

**Tabela 4.** Relatos de violência na escola vivenciadas nos últimos seis meses por professores da rede municipal de um município da RMR, PE, 2011.

Variável	N (525)	%
<b>Roubo/furto dentro da escola</b>		
Não	334	63,6
Sim	191	36,4
<b>Agressão física contra estudante dentro da escola</b>		
Não	252	48,2
Sim	272	51,8
<b>Agressão física contra professor dentro da escola</b>		
Não	405	77,1
Sim	120	22,9
<b>Agressão física contra chefia ou outro funcionário dentro da escola</b>		
Não	444	84,6
Sim	81	15,4
<b>Agressão verbal e/ou ameaça contra estudante dentro da escola</b>		
Não	257	49,0
Sim	268	51,0
<b>Agressão verbal e/ou ameaça contra professor dentro da escola</b>		
Não	300	57,1
Sim	225	42,9
<b>Agressão verbal e/ou ameaça contra chefia ou outro funcionário dentro da escola</b>		
Não	377	71,8
Sim	148	28,2
<b>Agressão ou ameaça com arma de fogo ou arma branca dentro da escola</b>		
Não	488	93,0
Sim	37	7,0
<b>Tráfico ou venda de drogas dentro da escola</b>		
Não	472	89,9
Sim	53	10,1
<b>Consumo de drogas dentro da escola</b>		
Não	467	89,0
Sim	58	11,0
<b>Consumo de bebida alcoólica dentro da escola</b>		
Não	502	95,6
Sim	23	4,4

Fonte: Banco de Dados

Dentre todos os tipos de violência relatados, o estudante aparece como o principal perpetrador, sendo responsável por 80,0% dos casos de agressão física contra o professor e em 76,9% dos relatos de agressão verbal contra o docente. Na Tabela 5, verifica-se que os estudantes são os principais atores de episódios de agressões verbais e ameaças com armas brancas ou de fogo (73,0%), tráfico ou venda de drogas (81,1%), consumo de drogas dentro da escola (84,5%) e consumo de bebidas alcóolicas dentro da escola (78,3%).

No entanto, é possível perceber também a importante atuação de indivíduos que, não necessariamente, pertencem ao ambiente escolar na perpetração de fatos violentos. Como exemplo estão os relatos dos professores que responsabilizam os agressores externos por 16,6% dos roubos e furtos presenciados, 15,1% das agressões verbais ou ameaças aos professores, 20,9% das agressões verbais à chefia ou outro funcionário e 13,5% das agressões ou ameaças com armas de fogo ou armas brancas, 11,3% dos episódios de venda ou tráfico de drogas (Tabela 5).

**Tabela 5.** Descrição das situações de violência na escola quanto aos tipos e perpetradores, segundo professores da rede municipal de um município da RMR. PE. 2011.

<b>Tipo de Violência</b>			
<b>Roubo/Furto</b>	<b>Agente</b>	<b>N (191)</b>	<b>%</b>
	Estudante	94	49,2
	Professor	1	0,5
	Outro funcionário	8	4,2
	Alguém de fora da escola	26	13,6
	Não sabe informar	62	32,5
<b>Agressão física contra estudante</b>	<b>Agente</b>	<b>N (272)</b>	<b>%</b>
	Estudante	247	90,8
	Professor	3	1,1
	Chefia	2	0,7
	Outro funcionário	1	0,4
	Alguém de fora da escola	12	4,4
<b>Agressão física contra o professor</b>	<b>Agente</b>	<b>N (120)</b>	<b>%</b>
	Estudante	96	80,0
	Chefia	2	1,7
	Outro funcionário	2	1,7
	Alguém de fora da escola	14	11,7
	Não sabe informar	6	5,0
<b>Agressão física contra chefia ou outro funcionário</b>	<b>Agente</b>	<b>N (81)</b>	<b>%</b>
	Estudante	55	67,9
	Professor	2	2,5
	Outro funcionário	5	6,2
	Alguém de fora da escola	11	13,6
	Não sabe informar	8	9,8
<b>Agressão verbal/ameaça contra estudante</b>	<b>Agente</b>	<b>N (268)</b>	<b>%</b>
	Estudante	228	85,1
	Professor	4	1,5
	Chefia	1	0,3
	Outro funcionário	4	1,5
	Alguém de fora da escola	24	9,0
<b>Agressão verbal/ameaça contra professor</b>	<b>Agente</b>	<b>N (225)</b>	<b>%</b>
	Estudante	173	76,9
	Professor	6	0,7
	Chefia	2	0,9
	Outro funcionário	1	0,4
	Alguém de fora da escola	34	15,1
	Não sabe informar	9	4,0

(conclusão)			
<b>Tipo de Violência</b>			
<b>Agressão verbal/ameaça contra chefia ou outro funcionário dentro da escola</b>	<b>Agente</b>	<b>N (148)</b>	<b>%</b>
	Estudante	99	66,9
	Professor	1	0,7
	Chefia	2	1,4
	Outro funcionário	7	4,7
	Alguém de fora da escola	31	20,9
	Não sabe informar	8	5,4
<b>Agressão ou ameaça com arma de fogo ou arma branca dentro da escola</b>	<b>Agente</b>	<b>N (37)</b>	<b>%</b>
	Estudante	27	73,0
	Alguém de fora da escola	5	13,5
	Não sabe informar	2	5,4
<b>Tráfico ou venda de drogas dentro da escola</b>	<b>Agente</b>	<b>N (53)</b>	<b>%</b>
	Estudante	43	81,1
	Alguém de fora da escola	6	11,3
	Não sabe informar	4	7,5
<b>Consumo de drogas dentro da escola</b>	<b>Agente</b>	<b>N (58)</b>	<b>%</b>
	Estudante	49	84,5
	Alguém de fora da escola	6	10,3
	Não sabe informar	3	5,2
<b>Consumo de bebida alcoólica dentro da escola</b>	<b>Agente</b>	<b>N (23)</b>	<b>%</b>
	Estudante	18	78,3
	Professor	1	4,3
	Alguém de fora da escola	2	8,7
	Não sabe informar	2	8,7

Fonte: Banco de Dados

A frequência de pelo menos um evento violento ocorrido nos entornos da escola foi de 87,6%. Ao relatar a situação de violência nesses arredores, 61,1% dos professores disseram ter conhecimento de situações de roubo/furto, 75,0% afirmam ter havido episódios de agressão verbal, 65,8% relatam casos de depredação, 60,0% de agressão física e 49,9% de homicídios. O tráfico de drogas também foi situação comumente relatada (51,0%) (Tabela 6).

**Tabela 6.** Relatos de violência nos entornos das escolas presenciadas por professores da rede municipal de um município da RMR, PE, 2011.

<b>Variável</b>	<b>N (525)</b>	<b>%</b>
<b>Roubo/furto</b>		
Não	204	38,9
Sim	321	61,1
<b>Agressão Verbal</b>		
Não	131	25,0
Sim	374	75,1
<b>Depredação</b>		
Não	180	34,3
Sim	345	65,8
<b>Agressão Física</b>		
Não	210	40,0
Sim	315	60,0
<b>Homicídio</b>		
Não	263	50,1
Sim	262	49,9
<b>Tráfico/venda de drogas</b>		
Não	257	49,0
Sim	268	51,0

Fonte: Banco de Dados

Ao relacionar as condições do ambiente de trabalho com os episódios de violência dentro da escola, foi verificada a associação com iluminação (OR 1,64, IC 95% 1,10; 2,43), acústica (OR 1,87 IC95% 1,22; 2,85), o mobiliário (OR 2,08 IC 95% 1,35; 3,19) e a ventilação da sala de aula (OR 1,84 IC 95% 1,23; 2,75) (Tabela 7).

No tocante à saúde geral do docente, ao avaliar a associação desses itens com a violência vivenciada, foram encontradas associações com problemas circulatórios (OR 2,35 IC 95% 1,5; 3,68), problemas digestórios (OR 2,61 IC 1,62; 4,23), problemas vocais (OR 1,7 IC 95% 1,15; 2,53) e TMC (OR 2,26 IC 1,45; 3,51) (Tabela 8)

**Tabela 7.** Associação entre a violência na escola e as condições de trabalho de professores da rede municipal de ensino de um município da RMR, PE, 2011.

<b>Ambiente Laboral</b>	<b>Sim (388)</b>	<b>Não (137)</b>	<b>IC (95%)</b>
<b>Dimensão da sala de aula</b>			
Adequada	141	58	1,0
Inadequada	247	79	1,39 (0,86 – 1,91)
<b>Iluminação em sala de aula</b>			
Adequada	143	67	1,0
Inadequada	245	70	1,64 (1,10 – 2,43)
<b>Acústica a sala de aula</b>			
Adequada	87	48	1,0
Inadequada	301	89	1,87 (1,22 – 2,85)
<b>Mobiliário da sala de aula</b>			
Adequada	80	48	1,0
Inadequada	308	89	2,08 (1,35 – 3,19)
<b>Ventilação da sala de aula</b>			
Adequada	113	59	1,0
Inadequada	275	78	1,84 (1,23 – 2,75)
<b>Disponibilidade de local para repouso entre as aulas</b>			
Sim	84	30	1,0
Não	304	107	1,01 (0,63 – 1,63)

Fonte: Banco de Dados

**Tabela 8.** Associação entre a violência na escola e a saúde geral de professores da rede municipal de ensino de um município da RMR, PE, 2011.

	<b>Sim (388)</b>	<b>Não (137)</b>	<b>IC (95%)</b>
<b>Diabetes</b>			
Sim	15	3	1,80 (0,51 – 6,30)
Não	373	134	1,0
<b>Hipertensão</b>			
Sim	71	26	0,96 (0,58 – 1,57)
Não	317	111	1,0
<b>Endometriose</b>			
Sim	21	8	0,92 (0,40 – 2,13)
Não	367	129	1,0
<b>Alergia</b>			
Sim	185	64	1,04 (0,70 – 1,54)
Não	203	73	1,0
<b>Problemas Circulatórios</b>			
Sim	158	31	<b>2,35 (1,50 – 3,68)</b>
Não	230	106	1,0
<b>Problemas Digestórios</b>			
Sim	143	25	<b>2,61 (1,62 – 4,23)</b>
Não	245	112	1,0
<b>Problemas Vocais</b>			
Sim	207	55	<b>1,70 (1,15 – 2,53)</b>
Não	181	82	1,0
<b>Problemas Respiratórios</b>			
Sim	93	27	1,28 (0,79 – 2,08)
Não	295	110	1,0
<b>TMC</b>			
Sim	162	22	<b>2,26 (1,45 – 3,51)</b>
Não	226	104	1,0
<b>IMC</b>			
Peso baixo/ normal	236	83	1,0 (0,66 – 1,47)
Obesidade/Sobrepeso	152	54	1,0

Fonte: Banco de Dados

A violência nos entornos da escola mostrou-se associada à dimensão (OR 1,7 IC 95% 1,01; 2,87), iluminação (OR 2,19 IC 95% 1,3; 3,71), ventilação (OR 1,79 IC 95% 1,05; 3,03) e ao mobiliário da sala de aula (OR 3,41 IC 95% 2,0; 5,83) (Tabela 9)

e também a aspectos da saúde geral como diabetes (OR 0,87 IC 95% 0,84; 0,9), problemas circulatórios (OR 2,48 IC 95% 1,31; 4,68), digestórios (OR 2,54 IC 95% 1,29; 5,0) ,vocais (OR 1,7 IC 95% 1,01; 2,9) e TMC (OR 3,27 IC 1,66;6,43) (Tabela 10).

**Tabela 9.** Associação entre a violência nos entornos da escola e as condições de trabalho de professores da rede municipal de ensino de um município da RMR, PE, 2011.

	<b>Sim (460)</b>	<b>Não (65)</b>	
<b>Dimensão da sala de aula</b>			
Adequada	167	32	1,0
Inadequada	293	33	<b>1,70 (1,01 – 2,87)</b>
<b>Iluminação em sala de aula</b>			
Adequada	173	37	1,0
Inadequada	287	28	<b>2,19 (1,30 – 3,71)</b>
<b>Acústica a sala de aula</b>			
Adequada	112	23	1,0
Inadequada	348	42	1,7 (0,98 – 2,95)
<b>Mobiliário da sala de aula</b>			
Adequada	97	31	1,0
Inadequada	363	34	<b>3,41 (2,0 – 5,83)</b>
<b>Ventilação da sala de aula</b>			
Adequada	143	29	1,0
Inadequada	317	36	<b>1,79 (1,05 – 3,03)</b>
<b>Disponibilidade de local para repouso entre as aulas</b>			
Sim	102	12	1,0
Não	358	53	0,80 (0,41 – 1,54)

Fonte: Banco de Dados

**Tabela 10.** Associação entre a violência nos entornos da escola e a saúde geral de professores da rede municipal de ensino da cidade de um município da RMR, PE, 2011.

	<b>Sim (460)</b>	<b>Não (65)</b>	
<b>Diabetes</b>			
Sim	18	0	<b>0,87 (0,84 – 0,9)</b>
Não	442	65	1,0
<b>Hipertensão</b>			
Sim	89	8	1,71 (0,79 – 3,71)
Não	371	57	1,0
<b>Endometriose</b>			
Sim	27	2	1,96 (0,46 – 8,46)
Não	433	63	1,0
<b>Alergia</b>			
Sim	224	25	1,52 (0,89 – 2,59)
Não	236	40	1,0
<b>Problemas Circulatórios</b>			
Sim	176	13	<b>2,48 (1,31 – 4,68)</b>
Não	284	52	1,0
<b>Problemas Digestórios</b>			
Sim	157	11	<b>2,54 (1,29 – 5,00)</b>
Não	303	54	1,0
<b>Problemas Vocais</b>			
Sim	237	25	<b>1,70 (1,01 – 2,90)</b>
Não	223	40	1,0
<b>Problemas Respiratórios</b>			
Sim	111	9	1,98 (0,95 – 4,13)
Não	349	56	1,0
<b>TMC</b>			
Sim	184	11	<b>3,27 (1,66 – 6,43)</b>
Não	276	54	1,0
<b>IMC</b>			
Peso baixo/ normal	276	43	1,0
Obesidade/Sobrepeso	184	22	1,30 (0,75 – 2,25)

Fonte: Banco de Dados

## 7 DISCUSSÃO

A significativa prevalência do sexo feminino na amostra (86,1%) deve-se, provavelmente, ao fato de que dentre as profissões mais frequentes na escolha das mulheres que iniciaram sua inserção profissional no século XIX estão o magistério, a enfermagem, entre outras ligadas ao domicílio, ao cuidar (NEVES, 2006). Nos EUA a frequência de profissionais docentes do sexo feminino é de 75% o que faz com que, naquele país, a violência contra esses profissionais seja também considerada uma violência de gênero (MIRANDA et al., 2014).

Em estudo realizado nos Países Baixos foi encontrada um contingente inferior de docentes do sexo feminino (44,2%) quando comparado ao quantitativo encontrado nessa pesquisa. Essa disparidade com os dados aqui relatados pode estar relacionada ao fato de que naquela região a emancipação feminina e sua integração no mercado de trabalho aconteceram em um momento mais precoce do que no Brasil (MOOIJ, 2011).

Além disso, faz-se anteriormente referência a uma região onde o professor é valorizado, inclusive no aspecto financeiro, e essa é uma das profissões mais almejadas pelos cidadãos. Essa situação de estímulo à formação do profissional docente se repete em todos os países baixos e nórdicos fato esse corroborado por Sahlberg (2011) em estudo realizado sobre o sistema educacional na Finlândia.

A formação e capacitação continuada naqueles países são estimuladas e isso se reflete pelo alto grau de mestres e doutores lecionando em escolas primárias e secundárias (34%) nos países baixos (MOOIJ, 2011), enquanto, no local do presente estudo, esse número de indivíduos com essa titulação não ultrapassou 2,5%. O percentual de docentes com especialização, no entanto, chega a 51,0%. Esse número deve-se, em parte, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) que passou a cobrar das escolas públicas e particulares o ensino superior para todos os professores do ensino básico e a recompensar financeiramente os professores pós-graduados.

Kauppi e Pörhölä (2012), em estudo realizado com 215 professores na Finlândia, encontraram uma prevalência de docentes do sexo feminino de 83,9%. Do total de sua amostra, a maior parte da amostra apresentava idade entre 31-50 anos (68,5%) corroborando com nossos achados que referiram 66,4% de indivíduos nessa faixa etária com média de idade de 43,54% (DP=11,19).

Vedovato e Monteiro (2008), ao realizar estudo com professores de nove escolas estaduais de Campinas e São José do Rio Pardo, ambas situadas no estado de São Paulo, encontraram dados semelhantes, onde 66,7% dos indivíduos situavam-se nessa faixa de idade, com média de idade de 41,4 (DP=9,2). Jardim et al. (2007), estudando 2133 professoras da rede municipal de Belo Horizonte, MG, encontraram informações equivalentes às aqui relatadas onde 74,81% das docentes tinham de 31 a 50 anos, com média de 42 anos (DP=8).

Quanto à renda mensal dos domicílios, 48,2% dos docentes contavam com 1 a 6 salários mínimos (SM). Vedovato e Monteiro (2008) revelaram que à época do estudo, 54,7% dos docentes recebia de 3 a 5 SM, mostrando uma maior variação na população estudada, o que pode ser uma resposta às gratificações financeiras do plano de carreiras da docência ou um crescimento na renda individual dos que compõem a renda do domicílio devido ao crescimento econômico local.

Os valores referentes à sexualidade são similares a outro estudo onde foi encontrada uma maior prevalência de heterossexuais (97,1%) em sua região enquanto na RMR esse número foi de 94,3% (MOOIJ, 2011). Este resultado pode não ser preciso devido ao grau de delicadeza da questão e ao receio de publicitar uma condição íntima. É possível que em uma abordagem qualitativa ou longitudinal o resultado fosse diferente.

No presente estudo, verificou-se que a maioria (54,7%) dos trabalhadores afirmou cumprir carga horária semanal superior a 20 horas/aula. Jardim et al (2007) encontraram prevalência semelhante (52,9%). Wei et al., em 2013, ao estudar 4.731 professores do estado de Minensota que lecionavam do jardim de infância ao último ano do ensino médio, relataram que os docentes expostos a carga horária semanal superior a 10 horas/aula por semana, encontravam-se mais expostos a agressões físicas e verbais, resultante da própria exposição temporal ao ambiente onde a agressão ocorre.

Em estudo realizado por Vedovato e Monteiro (2008) verificou-se a presença de doenças cardiovasculares (19,4%) e TMC (20,9%). No entanto a prevalência dessas desordens foi um pouco inferior aos dados obtidos na presente pesquisa, onde os valores foram, 31,0% e 37,1%, respectivamente. Pode-se pensar que o período do ano letivo em que é feito o estudo pode interferir no resultado do estudo, aumentando ou diminuindo o número de queixas a saúde devido ao adoecimento pelo fluxo de trabalho.

A violência também já é associada a uma maior prevalência de dores musculoesqueléticas em todas as classes profissionais e não apenas ao profissional docente. Estudos vêm trazendo à tona o entendimento que um ambiente de trabalho adverso, como aquele marcado pela violência traz repercussões físicas aos que ali desenvolvem sua atividade laboral.

Esse fato é corroborado por estudo realizado por Miranda et al. (2011), com 920 profissionais da enfermagem de Maryland e Maine, nos EUA, que trabalhavam em domicílios. A autora verificou que o relato de dores entre os profissionais que referiram ter sido agredidos (verbal e/ou fisicamente), era até 3 vezes superior ao daqueles que não sofreram violência.

Ao observar a tabela 3, apenas 18,9% dos entrevistados afirmaram sentir dores corporais, no entanto, ao pedir que referissem as áreas acometidas, esse percentual se alterou e quase todos os indivíduos apontaram regiões afetadas por algias. O motivo dessa maior queixa dolorosa não está completamente esclarecido. No entanto, uma das

hipóteses afirma que a maior exposição a situações estressantes pode reduzir a tolerância a dor e a repetição dessas situações causa uma produção constante e antecipada da sensação álgica (MIRANDA et al., 2011).

Cardoso et al (2009), em estudo realizado com todos os professores da rede municipal da cidade de Salvador, na Bahia, creditaram a dor musculoesquelética em professores a fatores como a sobrecarga de esforço físico, o calor excessivo na sala de aula em decorrência de uma ventilação deficiente, o mobiliário sem planejamento ergonômico que prejudica a postura do profissional. Todos esses fatores somam-se a dor para promover uma sensação de mal estar no docente.

O presente estudo constatou também que 73,9% dos professores relataram ter vivenciado pelo menos um tipo de violência na escola, sendo mais prevalente a agressão verbal, seguida da violência física, onde, em alguns casos o primeiro tipo evoluiu para a agressão física. A maior prevalência de violência verbal dentro do ambiente estudado é corroborada por Rocha et al. (2012) que verificaram uma predominância da agressão verbal tanto na escola pública quanto na instituição educacional privada durante investigação a professores de escolas públicas e privadas da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

Colvora et al. (2011) realizaram entrevistas com 47.306 professores e 8.156 diretores de escolas públicas dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná questionando-os sobre a violência nas escolas públicas. Os mesmos indicaram uma predominância de atos violentos, especialmente, a agressão verbal e física. Esses

atos aconteceram principalmente entre alunos e na direção aluno-professor, corroborando nossos achados.

Em investigação realizada em escola de Zagreb, capital da Croácia, Lokmić et al (2013) encontraram um prevalência de violência entre os docentes de 74,3%. O autor especificou ainda a frequência desses acontecimentos. Dos indivíduos que afirmaram ter sofrido violência, 28,0% revelaram que isso ocorreu apenas 1 vez naquela ano escolar, 15,9% uma vez por mês, 21,3% uma vez por semana e 9,1% todos os dias. Para Lokmić et al (2013) a questão não é saber *se* o professor está exposto à violência, mas sim, com que *frequência* que ela ocorre.

Os distúrbios vocais associados à violência observados neste estudo encontram-se de acordo com estudo realizado por Ferreira (2011), com 422 professores da cidade de São Paulo, ratificou os professores como grupo vulnerável para o desenvolvimento de sintomas vocais principalmente quando expostos a condições adversas de trabalho, como no caso de situações de violência ou estrutura laboral inadequada ao exercício da profissão.

No caso das situações de violência, os distúrbios de voz revelaram-se associados a ameaças contra o professor, agressões, insultos, violências nos entornos do ambiente escolar e contra os funcionários da instituição (Jardim et al, 2007) corroborando a associação descrita entre problemas vocais e violência na escola e em seus arredores.

Em revisão realizada por Cruz et al (2010) verificou-se a presença de problemas de saúde relacionados ao trabalho docente. Dentre eles estão as alergias e problemas respiratórios causados pelo pó de giz, bem como de problemas circulatórios e dores musculares provocados e/ou exacerbados pelo longo período na postura ortostática.

A insatisfação com as precárias condições estruturais e laborais relatadas pelos docentes é corroborada por Pigatto (2010) em seu estudo exploratório, onde os professores revelam que essa escassez de recursos impossibilita uma aula de qualidade e aumenta o desprestígio vivenciado pelo docente influenciando a atual situação de fragilidade em que se encontra a educação nacional.

Na tabela 7, verifica-se a existência de associação entre a violência e fatores organizacionais como a iluminação e acústica do ambiente, bem como a ventilação e o mobiliário da sala de aula. Em estudo realizado por Servilha e Arbach (2011) com 85 professores universitários da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, os autores encontraram a associação desses fatores com problemas de saúde, especialmente os respiratórios e vocais. Isso pode dever-se ao fato de que, em condições desfavoráveis para o ensino, com salas com grande contingente de alunos, ambiente ruidoso e alunos indisciplinados, o professor tenha que esforçar-se sobremaneira para ser ouvido, levando a um sobrecarga do aparelho fonador.

No tocante ao TMC, Porto et al (2006) em estudo realizado com 1.024 professores em Vitória da Conquista, Bahia, verificou a presença de distúrbios psiquiátricos em 44% dos indivíduos entrevistados, sendo mais frequentes em docentes que submetidos a condições precárias, jornadas extensas de trabalho e ambiente estressante. Sob as mesmas alegações, o montante encontrado na pesquisa citada encontra-se próximo ao valor achado no presente estudo (37,1%).

Analisando-se os principais agentes agressores, foi verificado que em todos os tipos de violência investigados, o principal perpetrador foi o estudante. Esses achados estão de acordo com estudos realizados por Costa (2013), com professores da rede pública de um município do estado de Minas Gerais, e Tiesman et al.(2013), com 6.450 professores da Pensilvânia, EUA, onde ambos encontraram uma maior prevalência de agressão verbal contra o professor e o estudante como perpetrador principal dessa ação. No entanto, é necessário enfatizar que quando há violência tenta-se distinguir entre dois agentes: a vítima e o perpetrador, mas em alguns momentos esses papéis podem se inverter, sendo difícil, em algumas ocasiões, identificar claramente quem está sendo vitimado e quem está praticando a violência (WITTER, 2010).

Em estudo realizado por Castro et al (2011), entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública municipal de Barra das Garças, MT, foi observado que o consumo excessivo de álcool e de drogas psicoativas são fatores associados ao comportamento agressivo de jovens estudantes o que poderia, em parte, explicar o aumento de eventos violentos no ambiente escolar. No entanto, não foi

possível verificar uma relação de causalidade em virtude do caráter transversal do estudo.

Para minimizar a violência na escola são sugeridas algumas medidas. Nos Estados Unidos e outros países que vem apresentando crescimento nas notificações de violência na escola, incluindo aquela praticada contra o professor, desde 1994 são elaboradas políticas formais e escritas contra a violência escolar. Elas têm como máxima a tolerância zero, que prega uma reação a todo e qualquer ato de violência, seja ele, o primeiro ou não.

Essa filosofia de combate à violência na escola gera opiniões controversas entre os indivíduos que frequentam essas instituições. Isso porque uma parcela dos alunos, dentre eles os de classe social mais baixa e de cor negra, podem sentir-se mais vulneráveis às medidas provenientes dessa política de combate à violência o que acaba fomentando uma reação de animosidade reativa dos alunos para com os diretores e professores.

Feda et al, em 2010, ao estudar educadores do estado de Minnesota, EUA, concluíram, no entanto, que a presença dessas políticas parecem estar associadas com, ou sugerem, o decréscimo nos riscos da violência física relatada no ambiente laboral, bem como de violência sexual, verbal e xingamentos. Entretanto, o estudo demonstra que, para essas políticas se fazerem efetivas, a confidencialidade dos relatos e a resolutividade dos casos pelos órgãos responsáveis devem ser assegurados para o que o docente sintasse encorajado a denunciar sem medo de ser retaliado e/ou piorar sua situação.

Outras atitudes podem ocorrer por meio de alterações físicas do ambiente, como, por exemplo, a instalação de detectores de metal, portas eletrônicas, muros cercados, janelas e portas à prova de balas e explosões. Deve-se, no entanto, refletir se essas ações podem, em algum momento, se tornar contraproducentes à medida que poderiam provocar nos indivíduos que frequentam o ambiente escolar a sensação de serem prisioneiros, sentindo-se constantemente ameaçados o que, talvez, possa prejudicar o processo de aprendizado.

Existem também as chamadas ações interacionistas nas quais os indivíduos (alunos, professores, funcionários, pais, diretores) são estimulados a se comunicar da forma mais aberta possível com a finalidade de melhorar as relações interpessoais e como um esforço para prevenir a violência na escola.

Há, ainda, as normas legais que permitem que os diretores e coordenadores sejam autorizados a tomar algumas medidas que promovam a redução da violência, como investigar alunos considerados suspeitos. Esse posicionamento ainda não encontrou no Brasil campo fértil para se desenvolver, no entanto, sua junção com as medidas intervencionistas tem se mostrado as mais eficazes no combate à violência na escola em países como os Estados Unidos e Canadá. Apesar disso, é importante refletir sobre a viabilidade de implementá-las e as possíveis consequências que essas medidas trariam para o ambiente escolar em um país como o Brasil, cuja realidade é muito distinta das nações da América do Norte.

Existem também programas de treinamento de prevenção da violência na escola, que têm como objetivo central capacitar continuamente os professores e outros agentes da escola a responder e lidar com os eventos violentos que porventura venham a acontecer no ambiente escolar (SODRÉ et al., 2012). Sela-Shayovitz (2009), ao entrevistar 147 professores, em Israel, afirma que esses programas podem ser úteis uma vez que contribuem para que o docente se sinta mais confiante e seguro para agir em caso de agressão, seja ela verbal ou física, o que poderia contribuir para reduzir a frequência desses eventos na escola.

Mas o combate à violência ocorrida na escola transpassa simples medidas de repressão aos seus perpetradores. A redução desses índices só irá ocorrer quando políticas públicas de combate à violência e de valorização profissional forem corretamente elaboradas e isso só se concretizará quando o cenário onde esse fenômeno acontece for devidamente conhecido tanto no que se refere ao contexto, quanto aos tipos e agentes envolvidos (MALTA et al, 2010; GONTIJO et al 2013).

O combate à atual situação dentro do ambiente escolar depende ainda de maciça participação de todos os agentes envolvidos, pais e toda a comunidade convergindo para a instalação de um diálogo mais aberto nessas instituições (MAIA et al., 2013). De igual maneira, os investimentos na capacitação dos docentes a fim de prepará-los para lidar de maneira assertiva com os acontecimentos violentos parecem exercer efeitos positivos na redução dos índices de violência bem como na redução do medo e melhora do bem estar e autoestima do profissional (ALVAREZ, 2007; MARING e KOBLINSKY, 2013).

Faz-se necessário também a melhoria das condições de trabalho no tocante à estrutura física e à organização das funções laborais, com menor sobrecarga dos professores atualmente ativos.

De fato, parece ser ainda crucial que a violência na escola seja avaliada de uma maneira mais ampla, onde cada escola seja considerada com um sistema complexo e dinâmico que afeta não só os docentes, mas também os estudantes, pais e a comunidade como um todo. Não parece correto tratar apenas o estudante como vítima excluindo o professor. Além de representar de forma inadequada a realidade, limitam-se as possibilidades de solução para um problema tão complexo (ESPELANGE, 2013).

O presente estudo apresentou algumas limitações relacionadas à sequência temporal inerente ao desenho do mesmo. Não é possível afirmar se os distúrbios encontrados nos docentes estudados são consequência dos eventos sofridos e/ou presenciados no ambiente escolar ou agem como fatores fragilizantes tornando o professor mais vulnerável à violência praticada na escola uma vez que a abordagem deu-se apenas em um único momento.

É importante recordar que o estudo pode ter sido influenciado pelo efeito do trabalhador sadio uma vez que os professores com distúrbios frequentes e de maior gravidade estão mais propensos a abandonar a sala de aula e até mesmo recorrer à aposentadoria em idade precoce. Também é possível que alguns desses profissionais

tenham desenvolvido estratégias compensatórias para lidar com situações de violência de modo a minimizar possíveis danos à sua saúde.

Durante o estudo, ao professor foi garantido total anonimato acerca de sua identidade e localização geográfica da escola a fim de garantir a adesão à pesquisa. Devido a isso não foi possível mapear as instituições escolares que foram citadas, tampouco analisar os índices de violência onde as mesmas estão inseridas.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliando-se os resultados encontrados, percebe-se que a violência na escola apresenta importante prevalência, especialmente no tocante as agressões contra o profissional docente.

A prevalência de violência dentro da escola foi de 73,9% enquanto nos arredores esse número cresce para 87,6%. A violência praticada contra o professor possui prevalência de 42,9%. Para todos os tipos de violência pesquisados, o estudante foi o principal perpetrador sendo responsável por 80,0% e 76,9% dos casos de agressão física e verbal contra o professor, respectivamente.

Percebeu-se uma maioria significativa de mulheres entre a amostra pesquisa, a predominância de indivíduos heterossexuais, com renda inferior a 6 SM. Esses professores relataram queixas de saúde geral como dores musculoesqueléticas, disfonias, distúrbios cardiovasculares e respiratórios, provavelmente vinculados à prática docente.

Verificou-se uma maciça insatisfação desses participantes com as condições organizacionais do seu trabalho, que parecem contribuir para o aumento do fator estresse no cotidiano desses profissionais.

Dentre as condições de trabalho estudadas, mostraram associação com o fenômeno da violência dentro da escola a iluminação do ambiente, a acústica, o mobiliário e a ventilação, todos considerados inadequados pela maior parte dos participantes. Nos entornos da escola, parecem exercer influência os fatores iluminação, ventilação, mobiliário e dimensão da sala de aula. No entanto, não ficou claro, para a autora, qual a explicação para essa associação fato que justifica uma investigação mais profunda a esse respeito.

Sabe-se, no entanto que a insatisfação, a frustração e o estresse são fatores que podem trazer malefícios físicos e emocionais ao professor, bem como provocar nele comportamento antiprofissionais o que pode resultar em um relacionamento tumultuado com os discentes, fato que pode incitar reações violentas dentro do ambiente escolar.

Quanto às condições de saúde a violência dentro da instituição mostrou-se associada a problemas circulatórios, digestórios, vocais e à presença de TMC. A situação nos entornos mostrou-se associada aos mesmos fatores.

Apesar de não ter sido o objetivo de estudo da presente pesquisa, um dado alertam para a crescente desmotivação dos profissionais docentes tendo em vista o grande número de docentes que afirmam não possuir capacidade de seguir na profissão daqui a 2 anos.

Diante desse estudo, verifica-se a necessidade de investigar de forma mais ampla o cenário da violência escolar, de modo a tentar definir uma relação de causalidade entre os fatores possivelmente associados a uma maior exposição à violência.

## REFERÊNCIAS

1. ALVARÉZ, H. K. The impact of teacher preparation on responses to student aggression in the classroom. **Teaching and Teacher Education**, v. 23, p. 1113-1126, 2007.
2. ANSER, M. A. C. I; JOLY, M. C. R. A.; VENDRAMINI, C. M. M. Avaliação do Conceito de Violência no Ambiente Escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 5, n. 2, p. 67 – 81, 2003.
3. ARAÚJO, T. M. et al. Mal-estar Docente: Avaliação de Condições de Trabalho e Saúde em uma Instituição de Ensino Superior. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 6 – 21, jan-jun, 2005.
4. ARENDT, H. **Sobre a violência**. 3ª ed – Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2011.
5. ASSIS S.G.; MARRIEL N.S.M. Reflexões sobre violência e suas manifestações. In: Assis SG, Constantino P, Avancini JQ. **Impactos da Violência na Escola – Um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2010.p. 41-63.
6. BRASIL, LDB. Lei 9.394/96 - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: < [www.planalto.org.br](http://www.planalto.org.br)>. Acesso em 20 de dezembro de 2013.
7. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humano**. Resolução 196. Brasília, DF, 1996 196/96

8. BRONFENBRENNER U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed: 2011. 310p.
9. CARDOSO et al. Prevalência de dor musculoesquelética em professores. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 12, n. 4, p. 604-614, 2009.
10. CARLOTTO, M. S. A Síndrome de Burnout e o Trabalho Docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002.
11. CASTRO, M.L.; CUNHA, S.S.; SOUZA, D.P.O. Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra das Garças, MT. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, n. 6, p. 1054-1061, 2011.
12. CELIK, S.; PEKER S. Mobbing perceptions of high school teachers. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v.9, p.1617-1623, 2010.
13. CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão? **Sociologia**, Porto Alegre, Ano 4, n. 8, p. 432-444, jul/dez, 2002.
14. COLVORA, G. A.; SANTOS, M.R.; SEIBEL, E.J. Violência na escola e contra a escola: Um estudo a partir das percepções de professores e diretores das escolas públicas do ensino fundamental da região sul do Brasil. **Revista Pedagógica – UNOCHAPECÓ**, Ano 14, v. 27, n. 2, jul.-dez., 2011.

15. COSTA M.A. et al. Formas de violência referidas no cotidiano escolar na visão dos professores de uma escola pública. **Revista de Enfermagem - UFSM**, v. 3, n. 1, p.44-52, 2013.
16. CRUZ, R. M. et al. Saúde Docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia**, v. 4, p. 147-160, jul., 2010.
17. DUSI, M. L. H. M.; ARAÚJO, C. M. M.; NEVES, M. M. B. J. Cultura da paz e psicologia escolar no contexto da instituição educativa - cultura da paz e psicologia escolar. **Revista de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 1, p. 135-45, 2005.
18. ESPELAGE, D. et al. Understanding and preventing violence directed against teacher – Recommendations for a National Research, Practice, and Policy Agenda. **American Psychologist**, v. 68, n. 2, p. 75-87, feb.-mar., 2013.
19. FEDA, D.M. et al. Written violence policies and risk of physical assault against Minnesota educators. **Journal of Public Health Practice**, v. 31, n. 4, p. 461-477, 2010.
20. FERREIRA L.P.; LATORRE M.R.D.O.; GIANNINI S.P.P. A violência na escola e distúrbios de voz de professores. **Distúrbios da Comunicação**, v. 23, n.2, p. 165-172, 2011. Disponível em:  
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/8272/6146>>. Acesso em: 05 de novembro de 2013.
21. GALVÃO, A. et al. Violências Escolares: implicações para a gestão e o currículo. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 425-442, jul.-set., 2010.

22. GASPARINI, S. N.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos para sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.
23. GONTIJO D.T. et al Identificação e caracterização da violência escolar: subsídios para ações de enfrentamento. **Mundo Saúde**, São Paulo, v.37, n. 1, p. 16-25, 2013. Disponível em: <[www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/101/2.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/101/2.pdf)>. Acesso em: 17 de junho de 2013.
24. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010: Resultado da Amostra - Características da População**. Rio de Janeiro, 2010. Acesso em 10 set. 2013. Disponível em: <[www.cidades.ibge.gov.br](http://www.cidades.ibge.gov.br)>.
25. JARDIM, R. et al. Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 2439-2463, out., 2007.
26. JOYCE, T. M.; MMANKOKO, R. Teacher attitudes, professionalism and unprofessionalism in relation to school violence. **Sociology and Social Anthropology**, v. 5, n. 1, p. 19-27, 2014.
27. KAUPPI, T.; PÖRHÖLÄ, M. School teachers bullied by their students: Teachers' attributions and how they share their experiences. **Teaching and Teacher Education**, v. 28, p. 1059-1068, 2012.
28. KLEIN, C. H.; BLOCH, K. V. Estudos Seccionais. In: MEDRONHO, R. A. et al. **Epidemiologia**, 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Atheneu, 2009. P. 193 – 219.

29. KRUG E.G; DAHLBERG L.L. MERCY J.A.; ZWI A.B.; LOZANO R. Organização Mundial de Saúde (OMS). **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra. 2002
30. LAN, K. L.; ABDULLAH, M. C.; ROSLAN, S. Understanding Media Violence and the Development of Aggressive Behavior of School Children. **Procedia Social and Behavioral Science**, v. 7, C, p. 522 – 527, 2010.
31. LEÃO, I. Z. C. C.; CLEMENTE, A. A violência nossa de cada dia. **Economia & Tecnologia** Ano 05, v. 16, jan-mar, 2009.
32. LOKMIĆ, M. et al. Violence Against Teachers – Rule or Exception? **International Journal of Cognitive Research in science, engineering an education**, v. 1, n. 2, 2013.
33. MAIA, et al. Violência Escolar: Uma percepção da causa na visão do profissional não docente. **Revista de Enfermagem do centro Oeste Mineiro**, v. 3, n. 1, p. 539-546, jan.-abr., 2013.
34. MALTA, D. C. et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultado da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coleta**, v. 15, p.2053-63, 2010. Suplemento 2. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/csc/v15s2/a10v15s2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s2/a10v15s2.pdf)>. Acesso em: 28 de junho de 2013.
35. MARI, J.J.; WILLIAMS, P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of Sao Paulo. **The British Journal of Psychiatric**, v. 148, p. 23-26, 1986.

36. MARING, E. F.; KOBLINSKY, S. A. Teacher's, strategies and support needs in school affected by community violence: A qualitative study. **Journal of School Health**, v. 83, n. 6, jun., 2013.
37. MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1, 2004.
38. MINAYO, M. C. S. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 10 (Suplemento 1), p. 7-18, 1994.
39. MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. É Possível Prevenir a Violência? Reflexões a Partir do Campo da Saúde Pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 4, n.1, p. 7-23, 1999.
40. MINAYO, M. C. S. A inclusão da Violência na Agenda de Saúde: Inclusão Histórica. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 11 (Suplemento), p. 1259-1267, 2007.
41. MIRANDA et al. Violence at the workplace increases the risk of musculoskeletal pain among nursing home workers. **Occupational and Environmental Medicine**, v. 68, p. 52-57, 2011.
42. MOOIJ, T. Secondary school teachers' personal and school characteristics, experience of violence and perceived violence motives. **Teachers and Teaching: Theory and Practice**, v. 17, n. 2, p. 227-253, 2011.

43. NEVES, M.Y.R.; SILVA, E.S. A dor e a delícia de ser (estar) docente: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, 2006.
44. O ATLAS do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**. Disponível em: <  
<http://atlasbrasil.org.br/2013/consulta>>. Acesso em: 22 jan. 2014.
45. OLIVEIRA, R. P.; NUNES, M. O. Violência Relacionada ao Trabalho: Uma Proposta Conceitual. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.17, n.4, p.22-34, 2008.
46. OPAS (Organização Panamericana de Saúde) **Resolución XIX: Violência y Salud**. Washington: OPAS. 1993.
47. PIGATTO, N. A docência e a Violência Estudantil no Contexto Atual. **Ensaio: Avaliação das Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 303-324, abr./jun. 2010.
48. PINO, A. Violência, Educação e Sociedade: Um olhar sobre o Brasil contemporâneo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p.763-785, 2007.
49. PORTO, L. A. et al. Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 5, p. 818-826, 2006.
50. REDDY, L. A. et al. Violence against teachers: Case studies from the APA Task Forces. **School & Educational Psychology**, v.1, n. 4, p. 231-245, 2013.

51. REIS et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p.1480-1490, set-out, 2005.
52. RISTUM, M.; BASTOS, A. C. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p.225-239, 2004.
53. ROCHA K.M.M. et al. Violência na escola vivida por professores, funcionários e diretores. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 5, p. 1034-44, 2012. Disponível: em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1161/pdf> Acesso em: 06 de junho de 2013.
54. SAHLBERG, P. The professional educator: lessons from Finland. **American Educator**, v. 35, p. 34-38, 2011.
55. SALLES, L. M. F. et al. A Violência no Cotidiano Escolar. **Teoria e Prática** v. 18, n. 30, jan-jun, p.15-23, 2008.
56. SANTOS, K. O. B. et al. Avaliação de um instrumento de avaliação de mensuração de morbidade psíquica: estudo de validação do Self-Report Questionnaire (SRQ-20). **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, p.544-560, jul./set., 2010.
57. SEBASTIÃO, J. Violência na escola, processos de socialização e formas de regulação. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 71, p. 23-37, 2013.

58. SELA-SHAYOVITZ R. Dealing with school violence: The effect of school violence prevention training on teacher's perceived self-efficacy in dealing with violent events. **Teaching and Teacher Education**, v. 25, p. 1061-66, 2009.
59. SERVILHA, E. A. M.; ARBACH, M. P. Queixas de saúde em professores universitários e sua relação com fatores de risco presentes na organização do trabalho. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 181-191, ago., 2011.
60. SILVA, E. E.; MÜLLER, J. L. Violência na Escola: Impasses e Alternativas. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 3, p. 53-59, ago.-dez., 2012.
61. SODRÉ, C. M. O.; MOURA, M. L.; ALEXANDRE, I. J. Violência no Espaço Escolar. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 2, p.315-327, maio.- jul., 2012.
62. TIESMAN, H. et al. Workplace violence among Pennsylvania education workers: Differences among occupations. **Journal of Safety Research**, p. 1-7, 2013.
63. TIME V.; PAYNE B.K. School violence prevention measures: School official's attitudes about various strategies. **Journal of Criminal Justice**,. v. 36, p. 301-306, 2008.
64. TULLOCH, M. I. Evaluating aggression: school students' responses to television portrayals of institutionalized violence. **Journal of Youth and Adolescent**, Nova York v. 24, p. 95-115, 1995.

65. VEDOVATO, T. G.; MONTEIRO, M. I. Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. **Revista da escola de Enfermagem - USP**, v. 42, n. 2, p. 290-297, 2008.
66. VIEIRA, L. J. E. S. et al. Violência na escola pública: relatos de professores. **Revista Brasileira em Promoção à Saúde**, Fortaleza, v. 23, n. 1, p. 34-42, jan./mar., 2010.
67. WEI, C. et al. Work-related violence against educators in Minnesota: Rates and risks based on hours exposed. **Journal of Safety Research**, v. 44, p.73-85, 2013.
68. WILSON, C. M.; DOUGLAS, K. S.; LYON, D. R. Violence Against Teachers: Prevalence and Consequences. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 26, n. 12, p. 2353–2371, 2011.
69. WITTER GP. Ponto de Vista: Violência e Escola. **Temas em Psicologia**, v.1, n. 18, p.11-15, 2010.

## APÊNDICE A

### Questionário Sociodemográfico

<b>Bloco 1: Identificação</b> <i>(Lembre que seus dados não serão divulgados)</i>	
1. Idade: _____	2. Sexo: ( ) Fem ( ) Masc
3. Cor da pele: ( ) Branca ( ) Parda ( ) Negra ( ) Outra	
4. Orientação sexual: ( ) Heterossexual ( ) Homossexual ( ) Bissexual ( ) Outro	
5. Renda média mensal do domicílio: _____	
6. Quantas pessoas dependem desta renda: _____	
7. Escolaridade: ( ) Médio ( ) Superior incompleto ( ) Superior completo ( ) Especialização ( ) Mestrado/Doutorado	
8. Tempo que trabalha como professor: _____ anos	
9. Carga horária semanal (somente sala de aula): _____ horas	
10. Outras atividades desenvolvidas na escola : ( ) coordenação ( ) direção ( ) biblioteca ( ) cantina/cozinha ( ) Outros.	
<b>Bloco 2: Ambiente da Escola</b> <i>(Pense na sala de aula da escola onde você fica mais tempo)</i>	
11. Você acha que o tamanho da sala de aula é adequado para a quantidade de alunos? ( ) Sim ( ) Não	14. Você acha que os móveis na sala de aula são adequados? (ex: cadeiras dos alunos, cadeira do professor, birô etc.) ( ) Sim ( ) Não
12. Você acha que a iluminação da sala de aula é adequada? ( ) Sim ( ) Não	15. Você acha que a ventilação da sala é adequada? ( ) Sim ( ) Não
13. Você acha que a acústica da sala de aula é adequada? ( ) Sim ( ) Não	16. Você tem um lugar na escola para descansar entre as aulas? ( ) Sim ( ) Não
<b>Bloco 3: Capacidade para o trabalho</b>	
17. Como você classificaria sua capacidade física para o trabalho (ex: falar alto, ficar muito tempo de pé etc) ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Moderada ( ) Baixa ( ) Muito baixa	18. Como você classificaria sua capacidade emocional para o trabalho (ex: resolver problemas, lidar com pressão etc) ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Moderada ( ) Baixa ( ) Muito baixa
19. Quantos dias você precisou faltar ao trabalho por problema de saúde, consulta médica ou fazer exame nos últimos 6 meses? _____	20. Considerando a sua saúde atual, você acha que será capaz de realizar o seu trabalho daqui a 2 anos? ( ) Serei capaz ( ) Não serei capaz ( ) Não sei
<b>Bloco 4: Bem estar no trabalho</b> <i>Nos últimos seis meses, meu trabalho tem me deixado...</i>	
21. Alegre ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não	32. Ansioso ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não
22. Preocupado ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não	33. Feliz ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não
23. Disposto ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não	34. Frustrado ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não
24. Contente ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não	35. Incomodado ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não
25. Irritado ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não	36. Nervoso ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não
26. Deprimido ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não	37. Empolgado ( ) Sim ( ) mais ou menos ( ) Não

<b>27. Entediado</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>	<b>38. Tenso</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>
<b>28. Animado</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>	<b>39. Orgulhoso</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>
<b>29. Chateado</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>	<b>40. Com raiva</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>
<b>30. Impaciente</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>	<b>41. Tranquilo</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>
<b>31. Entusiasmado</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>	<b>42. Perseguido</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>mais ou menos</i> ( ) <i>Não</i>
<b>43. Você se sente valorizado pelos seus colegas?</b> ( ) <i>Nunca</i> ( ) <i>Às vezes</i> ( ) <i>Sempre</i>	
<b>44. Você se sente valorizado pela chefia (direção/ coord)?</b> ( ) <i>Nunca</i> ( ) <i>Às vezes</i> ( ) <i>Sempre</i>	
<b>45. Você se sente valorizado pelos alunos?</b> ( ) <i>Nunca</i> ( ) <i>Às vezes</i> ( ) <i>Sempre</i>	
<b>Bloco 5: Saúde Geral</b> <i>Você tem algum destes problemas de saúde?</i>	
<b>46. Diabetes</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>47. Hipertensão</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>48. Endometriose</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>49. Alergias</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>50. Problemas circulatórios</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>51. Problemas digestivos</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>52. Problemas vocais</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>53. Problemas respiratórios</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>54. Problemas emocionais</b>	( ) <i>Não</i> ( ) <i>Acho que sim</i> ( ) <i>O médico disse que sim</i>
<b>55. Qual o seu peso atual?</b> _____	<b>56. Qual a sua altura?</b> _____
<b>57. Qual(is) medicamento(s) você usa diariamente?</b> ( ) <i>Nenhum</i> ( ) <i>Anticoncepcional</i> ( ) <i>Anti-hipertensivo</i> ( ) <i>Antidiabético</i> ( ) <i>Anticolesterol</i> ( ) <i>Diurético</i> ( ) <i>Analgésico</i> ( ) <i>Anti-inflamatório</i> ( ) <i>Antidepressivo</i> ( ) <i>Antialérgico</i> ( ) <i>Moderador de apetite</i> ( ) <i>Suplemento alimentar ou vitaminas</i> ( ) <i>Outros:</i> _____	
<b>58. Quantas vezes você foi ao médico este ano?</b> ( ) <i>Nenhuma</i> ( ) <i>1 a 5 vezes</i> ( ) <i>6 a 10</i> ( ) <i>Mais de 10 vezes</i>	
<b>59. Com que frequência você pratica atividade física?</b> ( ) <i>Nunca</i> ( ) <i>Finais de semana</i> ( ) <i>1 a 3 vezes por semana</i> ( ) <i>Mais de 3 vezes por semana</i>	
<b>60. Nos últimos sete dias você sentiu dor em que partes do corpo?</b> ( ) <i>Não senti dores</i> ( ) <i>Pescoço</i> ( ) <i>Nos ombros</i> ( ) <i>Parte superior das costas</i> ( ) <i>Cotovelos</i> ( ) <i>Nos punhos e mãos</i> ( ) <i>Parte inferior das costas</i> ( ) <i>Quadril ou coxa</i> ( ) <i>Joelhos</i> ( ) <i>Tornozelos e/ou pés</i> ( ) <i>Outro:</i> _____	
<b>61. Com que frequência você fuma?</b> ( ) <i>Não fumo</i> ( ) <i>Raramente</i> ( ) <i>As vezes</i> ( ) <i>Diariamente</i>	
<b>62. Com que frequência você toma bebida alcoólica?</b> ( ) <i>Não bebo</i> ( ) <i>Raramente</i> ( ) <i>Finais de semana</i> ( ) <i>Mais de uma vez por semana</i>	
<b>63. Tem dores de cabeça frequentemente?</b> ( ) <i>Sim</i> ( ) <i>Não</i>	

64. Tem falta de apetite? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
65. Dorme mal? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
66. Assusta-se com facilidade? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
67. Tem tremores nas mãos? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
68. Sente-se nervoso, tenso, preocupado? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
69. Tem má digestão? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
70. Tem dificuldade de pensar com clareza? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
71. Tem se sentido triste ultimamente? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
72. Tem chorado mais do que de costume? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
73. Encontra dificuldades para realizar com satisfação as atividades diárias? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
74. Tem dificuldades para tomar decisões? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
75. Tem dificuldade no serviço (ser trabalho é penoso, lhe causa sofrimento)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
76. É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
77. Tem perdido o interesse pelas coisas? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
78. Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
79. Tem tido a idéia de acabar com a vida? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
80. Sente-se cansado o tempo todo? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
81. Tem sensações desagradáveis no estômago? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
82. Você se cansa com facilidade? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
<b>Bloco 6: Violência na escola</b> <i>Nos últimos seis meses você vivenciou situações de:</i>	
83. Roubo/furto dentro da escola <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	Se sim, quem praticou: <input type="checkbox"/> Não sei <input type="checkbox"/> Estudante <input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Chefia <input type="checkbox"/> Outro Funcionário <input type="checkbox"/> Alguém de fora da escola
84. Agressão física contra estudante dentro da escola <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	Se sim, quem praticou: <input type="checkbox"/> Não sei <input type="checkbox"/> Estudante <input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Chefia <input type="checkbox"/> Outro Funcionário <input type="checkbox"/> Alguém de fora da escola
85. Agressão física contra professor dentro da escola <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	Se sim, quem praticou: <input type="checkbox"/> Não sei <input type="checkbox"/> Estudante <input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Chefia <input type="checkbox"/> Outro Funcionário <input type="checkbox"/> Alguém de fora da escola
86. Agressão física contra chefia ou outro funcionário dentro da escola <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	Se sim, quem praticou: <input type="checkbox"/> Não sei <input type="checkbox"/> Estudante <input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Chefia <input type="checkbox"/> Outro Funcionário <input type="checkbox"/> Alguém de fora da escola
87. Agressão verbal e/ou ameaça contra estudante dentro da escola <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	Se sim, quem praticou: <input type="checkbox"/> Não sei <input type="checkbox"/> Estudante <input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Chefia <input type="checkbox"/> Outro Funcionário <input type="checkbox"/> Alguém de fora da escola
88. Agressão verbal e/ou ameaça contra	Se sim quem praticou:

professor dentro da escola ( ) Não ( ) Sim	( ) Não sei ( ) Estudante ( ) Professor ( ) Chefia ( ) Outro Funcionário ( ) Alguém de fora da escola
<b>89.</b> Agressão verbal e/ou ameaça contra chefia ou outro funcionário dentro da escola ( ) Não ( ) Sim	Se sim, quem praticou: ( ) Não sei ( ) Estudante ( ) Professor ( ) Chefia ( ) Outro Funcionário ( ) Alguém de fora da escola
<b>90.</b> Agressão ou ameaça com arma de fogo ou arma branca dentro da escola ( ) Não ( ) Sim	Se sim, quem praticou: ( ) Não sei ( ) Estudante ( ) Professor ( ) Chefia ( ) Outro Funcionário ( ) Alguém de fora da escola
<b>91.</b> Tráfico ou venda de drogas dentro da escola ( ) Não ( ) Sim	Se sim, quem praticou: ( ) Não sei ( ) Estudante ( ) Professor ( ) Chefia ( ) Outro Funcionário ( ) Alguém de fora da escola
<b>92.</b> Consumo de drogas dentro da escola ( ) Não ( ) Sim	Se sim, quem praticou: ( ) Não sei ( ) Estudante ( ) Professor ( ) Chefia ( ) Outro Funcionário ( ) Alguém de fora da escola
<b>93.</b> Consumo de bebida alcoólica dentro da escola ( ) Não ( ) Sim	Se sim, quem praticou: ( ) Não sei ( ) Estudante ( ) Professor ( ) Chefia ( ) Outro Funcionário ( ) Alguém de fora da escola
<i>Na vizinhança próxima a escola você vê:</i>	
<b>94.</b> Roubo/Furto ( ) Sempre ( ) As vezes ( ) Nunca	<b>97.</b> Agressão física ( ) Sempre ( ) As vezes ( ) Nunca
<b>95.</b> Agressão verbal ( ) Sempre ( ) As vezes ( ) Nunca	<b>98.</b> Homicídio ( ) Sempre ( ) As vezes ( ) Nunca
<b>96.</b> Depredação ( ) Sempre ( ) As vezes ( ) Nunca	<b>99.</b> Tráfico/venda de drogas ( ) Sempre ( ) As vezes ( ) Nunca

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Informações: Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa Condições de Trabalho e Saúde do Professor, que tem como objetivo investigar os problemas de saúde entre os professores, relacionando-os às características do ambiente e organização do trabalho docente. Após se sentir plenamente esclarecido sobre a sua participação na pesquisa e caso decida participar dela, você confirmará esta decisão assinando este documento em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com o pesquisador responsável. Caso decida não participar, você não terá nenhum tipo de prejuízo. Se ainda tiver dúvidas, você pode procurar o Comitê de Ética da Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, que funciona no 1º andar do prédio do Centro de Ciências da Saúde, na avenida Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, CEP 50670-901 e telefone 2126-8588.

Consentimento da pessoa em participar da pesquisa como sujeito:

Eu, \_\_\_\_\_,

Carteira de Identidade (RG) no \_\_\_\_\_ e CPF no \_\_\_\_\_,

abaixo assinado, declaro que fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora responsável LUANA VALERIANO NERI, telefone 2126 8550, sobre os procedimentos envolvidos e os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação na pesquisa intitulada Condições de Trabalho e Saúde do Professor. Com

base nestas informações e nas garantias de que a qualquer momento posso retirar meu consentimento sem que isto me leve a qualquer penalidade ou prejuízo e de que será mantido absoluto sigilo sobre a minha identidade pessoal quando da divulgação dos resultados, decidi concordar em participar desta pesquisa na qualidade de sujeito, prestando as informações que me forem solicitadas.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

Declaração das Testemunhas: Nós, abaixo assinados, declaramos não ter nenhum tipo de ligação com o pesquisador responsável e com sua equipe de trabalho e que presenciamos a solicitação de consentimento, os esclarecimentos sobre a pesquisa e a aceitação do sujeito acima identificado em participar da mesma.

1)Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

2)Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C

### TERMO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

Por este termo de responsabilidade, eu, LUANA VALERIANO NERI, abaixo assinada, pesquisadora do projeto Condições de Trabalho e Saúde do Professor, assumo cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, visando a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

Reafirmo, igualmente, minha responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e o sigilo dos questionários correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de cinco anos após o término do estudo. Informarei e apresentarei, sempre que solicitado pelo Comitê de Ética, pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, pela instituição onde está sendo realizado o estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ao Comitê de Ética qualquer eventual modificação proposta no supracitado projeto.

Recife, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Luana Valeriano Neri

**ANEXO A**

## PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. Nº. 047/2011 - CEP/CCS

Recife, 22 de fevereiro de 2011

Registro do SISNEP FR – 397120  
CAAE – 0489.0.172.000-11  
Registro CEP/CCS/UFPE Nº 008/11  
Título: Condições de trabalho e saúde do professor.  
Pesquisador Responsável: Albanita Gomes da Costa de Ceballos

Senhor (a) Pesquisador (a):

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) registrou e analisou de acordo com a Resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o protocolo de pesquisa em epígrafe, liberando-o para início da coleta de dados em 22 de fevereiro de 2011.

Ressaltamos que a aprovação definitiva do projeto será dada após a entrega do relatório final, conforme as seguintes orientações:

- a) Projetos com, no máximo, 06 (seis) meses para conclusão: o pesquisador deverá enviar apenas um relatório final;
- b) Projetos com períodos maiores de 06 (seis) meses: o pesquisador deverá enviar relatórios semestrais.

Dessa forma, o ofício de aprovação somente será entregue após a análise do relatório final.

Atenciosamente

  
 Prof. Geraldo Bosco Lindoso Couto  
 Coordenador do CEP/CCS / UFPE

A  
Dra Albanita Gomes da Costa de Ceballos  
Departamento de Medicina Social- CCS/UFPE



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. Nº. 047/2011 - CEP/CCS

Recife, 22 de fevereiro de 2011

Registro do SISNEP FR – 397120  
CAAE – 0489.0.172.000-11  
Registro CEP/CCS/UFPE Nº 008/11  
Título: Condições de trabalho e saúde do professor.  
Pesquisador Responsável: Albanita Gomes da Costa de Ceballos

Senhor (a) Pesquisador (a):

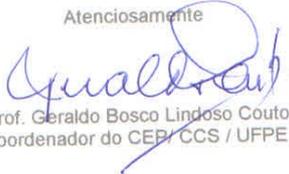
Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) registrou e analisou de acordo com a Resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o protocolo de pesquisa em epígrafe, liberando-o para início da coleta de dados em 22 de fevereiro de 2011.

Ressaltamos que a aprovação definitiva do projeto será dada após a entrega do relatório final, conforme as seguintes orientações:

- a) Projetos com, no máximo, 06 (seis) meses para conclusão: o pesquisador deverá enviar apenas um relatório final;
- b) Projetos com períodos maiores de 06 (seis) meses: o pesquisador deverá enviar relatórios semestrais.

Dessa forma, o ofício de aprovação somente será entregue após a análise do relatório final.

Atenciosamente

  
Prof. Geraldo Bosco Lindoso Couto  
Coordenador do CEP/CCS / UFPE

A  
Dra Albanita Gomes da Costa de Ceballos  
Departamento de Medicina Social- CCS/UFPE